

ÉVELIN TATIANE DA SILVA PEREIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NO PROCESSO DE
REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TERENA NA ALDEIA
ALDEINHA, EM ANASTÁCIO, MATO GROSSO DO SUL**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE, MS
2017**

ÉVELIN TATIANE DA SILVA PEREIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NO PROCESSO DE
REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TERENA NA ALDEIA
ALDEINHA, EM ANASTÁCIO, MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Católica Dom Bosco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Educação
Linha de Pesquisa: Diversidade Cultural e Educação Indígena

Orientador: Prof. Dr. Heitor de Queiroz de Medeiros

Bolsista do Observatório da Educação Escolar Indígena (OBEDUC/CAPES)

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE, MS
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

P436c Pereira, Évelin Tatiane da Silva

Contribuições da escola no processo de revitalização da língua Terena na Aldeia Aldeinha, em Anastácio, Mato Grosso do Sul / Évelin Tatiane da Silva Pereira; orientador Heitor de Queiroz de Medeiros.— 2017.

85 f. + anexos

Dissertação (mestrado em educação) -- Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2017.

1. Língua Terena – Revitalização 2. Índios Terena - Línguas
I. Medeiros, Heitor de Queiroz II. Título

CDD – 498.39369

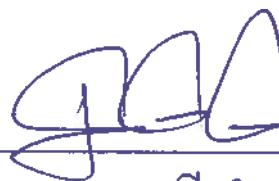
**“CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NO PROCESSO DE
REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TERENA NA ALDEIA
ALDEINHA, EM ANASTÁCIO, MATO GROSSO DO SUL”**

ÉVELIN TATIANE DA SILVA PEREIRA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Heitor Queiroz de Medeiros (PPGE/ UCDB) orientador



Prof. Dr. Antônio Carlos Seizer da Silva (SED-MS/CEFPI) examinador externo



Prof. Dr. Carlos Magno Naglis Vieira (PPGE/ UCDB) examinador interno



Campo Grande - MS, 15 de março de 2017

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Comunidade Terena da Aldeinha por ter sido minha base nessa pesquisa, em especial aos mestres tradicionais que são minhas enciclopédias vivas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu amado Deus, eu te sou muito grata por este presente maravilhoso que é o dom da vida!

Agradeço também pelas pessoas que o Senhor colocou em meus caminhos nessa pequena jornada de minha vida, algumas delas me inspiraram, me ajudaram, me desafiaram e me encorajaram a ser cada dia melhor.

Por todas as coisas boas e más que me aconteceram, cada uma delas, ao seu modo, me fez chegar aonde eu cheguei.

A minha família, que sem ela não teria conseguido dar mais esse passo em minha trajetória acadêmica, meus avós João Batista da Silva (*in memoriam*), Zuleika da Costa Silva (*primeira professora da família*), minha querida mãe Zuleida Costa da Silva pela paciência e compreensão nos meus momentos de sofrência deste trabalho, aos meus irmãos: Vanderlei Silva de Freitas (*in memoriam*), Vanderson Silva de Freitas, Ailtoni da Silva Matos e Welington Silva Sanabria. Aos meus pais Carlos Pereira (*Biológico*) e Ademir Zeferino, a tia senhora Zuleide Costa da Silva por acreditar que eu seria capaz de superar essa etapa de ensino em minha vida.

Ao meu filho Gustavo Pereira da Silva pela ausência, pelos momentos que deixar de passar ao seu lado, espero que um dia ele me perdoe e entenda o porque eu estive tão ausente dos momentos de sua infância.

Ao OBEDUC, que sem o auxílio da bolsa oferecido pelo programa esse sonho não teria se concretizado, aos professores do programa da linha III, Professora Adir Casaro, Professor José Licínio, Professor Carlos Magno grata de coração pelos momentos de aprendizado que obtive com todos vocês.

Aos indígenas entrevistados que contribuíram para a construção dessa dissertação, alunos, professores e mestre tradicionais sem vocês não seria possível a construção dessa ideia e finalização da mesma nessa etapa eternamente grata.

Agradeço as experiências trocadas com meus colegas de curso, aprendi muito com vocês indígenas e não indígenas, isso irei levar para sempre em minha memória.

Professor Estevinho Floriano Tiago, da Aldeia Água Branca - Terra Indígena Taunay Ypegue - nas consultorias e tradução para a língua Terena, Ituko'oviti te abençoe.

Aos docentes da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, aos egressos e ingressos da mesma, foi maravilhoso compartilhar esses momentos com vocês.

Para o Professor Heitor Queiroz de Medeiros, meu orientador que aceitou o desafio de me acompanhar nesse trabalho em prol das comunidades indígenas, grata pelos momentos de orientação, ora tranquila, ora uma tempestade, aprendi muito com o senhor. Obrigada de coração.

A co-orientação do Professor Antonio Carlos Seizer da Silva, contribuiu para o andamento desse trabalho científico, as orientações espirituais que foram de suma importância em determinados momentos dessa caminhada, obrigada Pai Oxalá por tudo.

À casa de Umbanda Joana D'arc, pelas orientações ali recebidas. Ao Glaucimar Carlos Sanches pelo atendimento nos momentos difíceis em minha vida, hoje afirmo que se a umbanda não estivesse presente, aqui não estaria hoje. Se eu sou esta pessoa que me tornei foi graças a ela, uma evolução espiritual. Grata sou às sete linhas que a regem.

Foi uma jornada de tropeços, vitórias, derrotas, perdas, que me fizeram enxergar os significados da vida e as contribuições deste trabalho para a Aldeinha e demais comunidades, mas venci e até aqui o Senhor tem me fortalecido e a ele sou grata.

PEREIRA É. T. S. *Contribuições da escola no processo de Revitalização da Língua Terena na Aldeia Aldeinha, em Anastácio, Mato Grosso do Sul*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2016.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar as contribuições da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva na revitalização da língua Terena na Aldeia Aldeinha buscando entender as causas do desuso da língua Terena nessa aldeia localizada no município de Anastácio, Mato Grosso do Sul (MS). Os procedimentos metodológicos utilizados para produção dos dados da pesquisa se baseiam na pesquisa qualitativa, a partir da autoetnográfica, História Oral, Diário de Campo, análise documental e revisão bibliográfica, recorrendo à vivência da autora como membro da comunidade pesquisada, inclusive como professora, além de entrevistas com os mestres tradicionais da aldeia e outros moradores da comunidade, além de alunas e alunos da escola. Os resultados da pesquisa mostram que os desafios são muitos, pois mesmo a comunidade reconhecendo na escola um local que pode contribuir com a revitalização da língua Terena, os próprios professores da Língua Indígena Terena na escola da aldeia têm relatado que passam por grandes dificuldades, como material pedagógico, pelo fato da escola atender alunos indígenas e não indígenas, além da pressão pelo fato de que o componente curricular Língua Terena pode resultar na retenção dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Revitalização, Língua Terena, Aldeia Aldeinha.

PEREIRA É. T. S. *Contributions of the school in the process of revitalization of the Terena Language in Aldeinha Village, in Anastácio, Mato Grosso do Sul.* 2016. Dissertation (Master Degree in Education) –Dom Bosco Catholic University, Campo Grande, MS, 2016.

ABSTRACT

The present research aims to present the contributions of the Indigenous State School Guilhermina da Silva in the revitalization of the Terena language in Aldeinha Village looking for to understand the causes of the Terena language disuse in that village located in the municipal district of Anastácio, Mato Grosso do Sul (MS). The methodological procedures used to produce the research data are based on the qualitative research, from the self ethnographic, Oral History, Field Journal, documentary analysis and bibliographic review, falling back upon the author's experience as the researched community's member, including as teacher, besides interviews with the traditional masters of the village and the community's other residents, as well as students of the school. The results of the research show that the challenges are many, since even the community recognizing at the school a place which can contribute to the revitalization of the Terena language, the own teachers of the Indigenous Language Terena at the school of the village have reported that they have great difficulties, such as pedagogical material, due the fact that the school assist indigenous and non - indigenous students, in addition to the pressure for the fact that the Terena Language whose is a curricular component can result in the students' retention.

.

KEY WORDS: Revitalization, Terena Language, Aldeinha Village.

PEREIRA É. T. S. *Huvó'oene Yoko itoponone koyúhopea vemó'um têrenoe, ra Aldeia Aldeinha, em Anastácio, Mato Grosso do Sul*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2016.

KALIEMÓ'UM

Enepora kali yutoeti hara éxoko huvó'oene yoko itoponone ne Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva ya kóti'ukoepa yoko koyúhopea úti ra vemó'um yara kalí ipuxovokoti. Yoko motovâti véxea kuti'inoke akotine vikaitukexa ra vemó'um yara vipuxovoku Anastácio, Mato Grosso do Sul (MS). Motovâti vituke ra yutoeti ako tôpi kixoaku úti ra isoneuti Yoko vepemomaka isoneuhiko ihíkaxoti viyénoxapa yokomaka ko'ovokutihiko koanemaka ihíkaxovotihiko. Usoné'e ra isonêuti exokoti koekumo nókone vitúkea motovâti vaukopea vikó'itukexea ra vemó'um. Apemaka isoneuhiko motó'ieova itukeovo escolake óvo. Yekóhiko ra ihíkaxoti ya vemó'um yâye iníxoá tiu'ieya, voko akoye yutoeti koyuhope hokokumo motovâti itóponea ne nokone ihikaxovoti viyéno yoko akoti vituka viyéno. Yoko ra vemó'um kókono itukeovo xúnati ihíkauti motovâti apeyea ya kohati "Quadro Curricular".

Úkeaku emo'úti: koyuhopâti yoko koehonokopati, vemó'um kali ipuxovokuti.

LISTA DE SIGLAS

CAPES- Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

FUNASA – A Fundação Nacional de Saúde.

MEC – Ministério da Educação.

RECNEEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Escolar Indígena.

SED – Secretaria de Estado de Educação.

SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

OBEDUC - O Programa Observatório da Educação.

PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação.

UCDB - Universidade Católica Dom Bosco.

UFGD- Universidade Federal da Grande Dourados.

UFG- Universidade Federal de Goiás.

UFMS- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I - O PROCESSO DE DESUSO DA LÍNGUA TERENA NA ALDEIA ALDEINHA: HISTÓRIA E RESISTÊNCIA.....	24
CAPÍTULO II - A ESCOLARIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA A REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TERENA:	
TRAJETÓRIAS NOS DOCUMENTOS E NAS MEMÓRIAS.....	33
2.1 A inserção do componente Curricular Língua Terena no Projeto Pedagógico Indígena (PPI) da E.E.I. Guilhermina da Silva.....	53
2.2 Os meios, os fins e os resultados das Avaliações Externas: Para quem e para quê?	58
CAPÍTULO III - CONTRIBUIÇÕES PARA A REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TERENA	63
3.1 Egressos e Ingressos: A importância do componente curricular Língua Terena como valorização identitária nos espaços comunitários.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
ANEXOS	80

INTRODUÇÃO

Da minha Aldeia a Universidade

Nasci em Março de 1985. Criei-me na Aldeia Urbana Aldeinha, localizada no Município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, filha de Carlos Pereira (Indígena da Etnia Terena) e Zuleida Costa da Silva, Terena assim reconhecida pela comunidade, mas filha de um indígena Xavante com uma negra.

Desde os três anos de idade não me conformava em ficar em casa. Minha vontade de ir para escola era imensa. Minha avó Zuleika da Costa Silva era professora do magistério e lecionava em uma escola não indígena, não muito distante da aldeia, e começou a me levar para o ambiente que eu tanto sonhava. Ali começava a construção da minha história como estudante, pequena, de franjinha, meio sem jeito, caminhava com minha avó todas as manhãs. Havia uma colega de minha avó, Professora Iza, que falava que eu era muito pequena para aprender a ler e a escrever. Não acreditando muito, ela mesmo assim continuava a insistir, levando-me para o seu trabalho, já que minha mãe trabalhava de doméstica em casa de famílias com poder econômico alto. Com o passar do tempo, aprendi a ler e a escrever. Minha avó mudava seu local de trabalho e eu ia acompanhando a caminhada dela pelas escolas do município, até o 3º ano das séries iniciais. A partir do 4º ano, comecei a estudar na Escola Indígena Umbelina Jorge, nas proximidades da Aldeinha.

Nesse período de aprendizado, umas das memórias que são bem marcantes, o despertar bem cedo, ir até o poço que tínhamos no lote da família, tomar o banho e, em seguida, tomar o chá de erva mate torrado com açúcar e o bolinho frito de trigo. A escola que era distante da aldeia, as salas de aulas bem pequenas, as colegas de profissão de minha avó Zuleika, e assim o meu aprendizado foi se encaminhando.

Já no Ensino Fundamental (1994), estudava em uma escola no município de Aquidauana chamada “Escola Estadual Antônio Correa”, conhecida como Escola “Modelo”, porque os filhos de famílias ricas estudavam lá. Minha mãe, sempre trabalhando, apesar de não ter muita formação, sempre acompanhava e vigiava meus cadernos diariamente. Passaram-se os anos e estudei em outras escolas não indígenas.

Parei meus estudos por três anos, nesse período, envolvi-me com bebidas alcoólicas e gangues da Aldeia.

Nesse curto tempo, saí da casa da minha mãe e fui morar com alguns “amigos”. Bebíamos todos os dias e fazíamos algazarras, me afastei da minha família e posteriormente da escola. Foi bem difícil, reprovei várias vezes e não obtive o resultado esperado. Mas como todo poço tem fundo, cheguei ao meu!

Com vários diálogos em família e orientações espirituais na “Casa Espírita Joana Darc”, de Vovó Cambinda de Aruanda, por intermédio do médium Glaucimar Carlos Sanches (Pai Glaucimar de Ogum), voltei para casa e retornei aos estudos. Ingressei na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, na minha aldeia, no ano de 2006.

Reiniciei os estudos no Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Era um recomeço, voltava para a escola, mas meus “amigos” ainda tentavam me desviar novamente. Recordo que as aulas de Língua Estrangeira sempre eram na sexta-feira, e o professor indígena Eduardo do Carmo, em umas dessas aulas, foi me “buscar”, pois naquele dia tinha trabalho bimestral, e eu queria “fugir” da aula para beber.

No ano de 2007, nesse intervalo de tempo, prestei vestibular para duas instituições de ensino: a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), em Campo Grande, para o curso de Pedagogia, com o intuito de atender um pedido de minha avó e minha mãe e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Aquidauana/MS, para o curso de Licenciatura em Geografia. Muito feliz, obtive aprovação nas duas instituições, mas optei por ficar perto da minha família, na aldeia.

As lideranças da comunidade, ao saberem da minha aprovação, ficaram surpresas, pois muitos não esperavam que eu fosse passar no processo seletivo de uma instituição de ensino, muito menos em duas. A Dona Margarida Campos (mestre tradicional - *in memoriam*) sempre me incentivou. Falava que eu tinha que estudar para ser diretora da escola e que aldeia precisava de mim, que eu deveria ser um exemplo para os demais.

Minha família ficou em festa! Minha avó Zuleika, a primeira professora da família, dizia: “Agora vou ter uma neta que vai continuar o que eu comecei, Zulinha, minha neta!”. Minha mãe, muito orgulhosa aonde quer que fôssemos, me apresentava: “Olha, minha filha vai ser professora, minha única filha vai estudar!”

Quando fui para meu primeiro dia de aula em 2008 na Universidade foi tanta emoção que nem consigo descrever. Realmente quando se ingressa na Educação

superior se enxerga o mundo com outros olhos, outra visão, professores diferentes, o novo fascinava, a biblioteca, os laboratórios, as aulas de campo, da Geografia e suas ramificações.

Nesse mesmo ano, “casei”, um relacionamento delicado. Fiz meus dois primeiros semestres sob pressão. Gestante, ia todos os dias de bicicleta da aldeia para a Universidade. Saía pelo centro de Anastácio e Aquidauana, passando pelo Bairro Guanandy e Serraria, percorrendo uma distância de 5 Km por dia. Davi, pai do meu filho Gustavo, me sondava à noite, quando ia para aula. Um relacionamento de ciúmes e agressões verbais e corporais. Minha mãe Zuleida me mandava ter “brio de mulher”, se valorizar, porque eu estava aparecendo com vários hematomas no corpo inteiro, ele se envolveu com drogas e as coisas começaram a piorar cada vez mais.

Chegou, então, o momento de escolher o melhor para o meu filho e escolhi terminar meu curso de graduação, separando-me do pai do Gustavo. Ele foi embora, rogando que eu não iria terminar meu curso e que voltaria rastejando para ele. Terminei meu curso no período dos oito semestres e continuei a vida, sendo pai e mãe do Gustavo, com auxílio dos meus avós Zuleika e João Batista, tia Zuleide, minha mãe Zuleida e meu padrasto Ademir. Minha mãe me fez prometer que eu iria estudar o suficiente para dar uma estrutura ao meu filho.

Consegui amigos que me ajudavam através do Projeto Rede de Saberes¹ da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), por intermédio da Professora Jussara Dias Nimbú, que também reside na Aldeinha. Foi assim que passei a dispor de acesso à internet, xerox e informação sobre aquela instituição. Depois desse dia, passei a enxergar o mundo com outros olhos. Eu conseguia ir além do que eu achava que era capaz, mas sempre permanecia na minha comunidade, conversando, interagindo, jogando futebol no campinho de grama batida e na quadra de esportes da escola.

Formada, no ano de 2011, despedi de meus colegas de graduação que não se formaram e que carinhosamente me chamavam de “índia”. No começo, eles ficavam com receio de me chamar assim. Mas eu ficaria incomodada por quê? Não tenho motivos para esconder que sou da etnia Terena, afinal, eu vivo isso, meus traços são

¹ O Programa “Rede de Saberes” é uma *ação afirmativa* realizada por quatro universidades do estado do Mato Grosso do Sul, no caso a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), com finalidade de auxiliar na permanência dos acadêmicos indígenas na graduação.

bem indígenas. É um orgulho ser Terena! Fiz um curso superior sem deixar de ser indígena, tive muita ajuda de uma professora, a quem chamo de *énoxaka* (madrasta), Elisângela Castedo, nas orientações na graduação e, até hoje, ela continua somando na minha vida enquanto pesquisadora.

No ano de 2012, comecei a trabalhar na Escola “Polo Municipal Rural Colônia Paulista”. Outra realidade foi um desafio ministrar aulas para filhos de nordestinos. Diariamente, meu percurso era de 32 Km, desde a saída da cidade às 10h40min e o retorno às 18h, mas nem o cansaço do balanço do ônibus nas estradas castigadas pela chuva ou pela seca que deixava as mesmas arenosas, não me desanimavam em nenhum momento, pois sempre chegava disposta a ensinar e a aprender com os alunos.

No período matutino, ministrava aula na “Escola Municipal Teodoro Rondon”, no Ensino Fundamental, e por coincidência ou não, na mesma escola trabalha a Professora Iza, que falava à minha avó Zuleika que eu não conseguiria ler e escrever porque era muito pequena. Nos primeiros dias, ela me olhava como se estivesse intrigada, como se já me conhecesse, mas não se lembrava do lugar. Apresentei-me e ela parabenizou a minha avó pela insistência no ensino e na minha formação.

Ainda nesse mesmo ano, comecei a ministrar aulas na Aldeinha, na EJA-Educação de Jovens e Adultos - no período Noturno na E.E.I.Guilhermina da Silva. Após ter saído da mesma e passados quatro anos, voltei na posição de professora, realizada, como se tivesse voltado para casa depois de um longo período que me deixou marcas, orgulhosa em voltar para a minha comunidade e disposta a somar com as lideranças e alunos.

O bom filho sempre retorna para casa. Todas as perspectivas que eu tinha como aluna mudaram, pois agora eu estava no papel inverso e estava sentada na cadeira de professora, começando a entender o que eu fazia os meus antigos professores passarem, porque eles sempre cobravam bons resultados, uma vez que cuidavam e se preocupavam comigo. Pelo destino, o mesmo Professor Eduardo, que lá no passado havia me buscado para suas aulas, hoje era meu colega de trabalho e ele ficou muito feliz e honrado por eu me tornar parte do quadro de professores.

Meu primeiro ano como professora foi mais do que eu esperava. Os alunos me surpreendiam cada vez mais e o que eu aprendi em dois semestres não havia aprendido nos quatro anos de Universidade. A responsabilidade de ser neta de professora, uma das primeiras alfabetizadoras da cidade (por ela passaram pessoas hoje que são advogados, juízes de direito, políticos de Anastácio e também professores). Aprendi,

pouco a pouco, a ser uma liderança na comunidade e a somar com os mestres tradicionais, porque antes eu não sabia o que fazer nem como fazer para atender à minha comunidade.

Todos os alunos para mim são filhos, pois há uma diferença entre “ser” professora indígena e “estar” professora indígena. Eu procuro fazer a diferença com os meus alunos, sejam eles indígenas ou não indígenas. Sou uma referência para a minha comunidade e sinto orgulho disso. Se eu cair, eles caem. Sou um espelho para meus alunos e se eu demonstrar fraqueza, se eu chorar na frente deles, eles também sentirão a mesma coisa. Líderes não podem demonstrar fraqueza, pois cabe a eles ser o alicerce.

Depois disso percebi que tinha que buscar mais informações para ajudar meu povo. Concluí uma Pós Graduação Lato Sensu, Cultura, História dos Povos Indígenas (CHPI/UFMS), estudando a origem do meu povo, o que me estimulou ainda mais a buscar conhecimento. No final do ano de 2014, resolvi fazer o processo seletivo para o curso de Mestrado da Universidade Católica Dom Bosco MS (UCDB).

Escolhi a Universidade Católica Dom Bosco porque sempre estive caminhando junto às causas indígenas e hoje frequento o programa de Mestrado em Educação (PPGE), na Linha de Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena, a qual sempre rendeu frutos e contribuições para os povos indígenas.

Foram várias etapas: a prova escrita, análise de currículo, entrevista com os professores. Fiz esse processo, estudava todos os dias no período noturno, normalmente até 01 hora, porque trabalhava no período diurno, dividindo meu tempo com trabalho, família e estudo. E me recordo do dia em que preenchendo a ficha de inscrição do Mestrado, na escola, e uma professora não indígena ironizou, falando da seguinte forma: “Você vai tentar, se eu fosse você desistia...”. Mas não dei importância para a colocação dela. Ao contrário, foi a partir de então que eu me dediquei totalmente aos meus estudos.

As etapas foram passando e meu nome continuava na lista dos selecionados. Não comentei para ninguém e me mantive quieta, pensando no que iria acontecer. Chegou o dia da entrevista com os professores e meu meio de transporte sempre foi a moto. Parti em direção à Campo Grande. Um dia antes machuquei meu tornozelo e me apresentei à frente da “banca” caminhando, séria, mas só Deus sabia a dor que eu estava sentindo.

Quando foi divulgado o resultado do processo seletivo e vi que eu tinha sido selecionada, chorei muito no colo de minha avó e mãe. Professora Patrícia Alves Carvalho havia me dado o aceite, mas logo em seguida ela passou em um concurso e

teve que deixar o programa. Começava também um novo ciclo com a comunidade, mais uma responsabilidade, pois muitos mestres tradicionais não sabiam qual seria a finalidade de fazer um mestrado. Como o primeiro dia de aula a gente nunca esquece, ao ir para aula, choveu muito, durante toda a viagem, graças a Deus e a minha mãe Santa Bárbara, cheguei toda molhada!

Os professores sempre nos orientaram com os autores que a linha de pesquisa utiliza, como fundamentos teóricos, mas havia um professor que me causava calafrios, a carne do meu corpo tremia toda a vez que eu o via; o professor Licínio. Procurei orientação espiritual para saber o motivo, até que um dia contei para ele. No primeiro momento, ele se espantou, não sei o que se passou no pensamento dele, mas essas reações foram pela imagem de Jesuíta que ele aparenta ser. Após uma sessão de rezas e a aproximação dele, os “sintomas” acabaram com um forte abraço.

As aulas iam se encaminhando e a cada dia eu adquiria novos conhecimentos, mas no dia 21 de Julho de 2015 veio a óbito o meu avô, João Batista da Silva (Xavante), que me criou na ausência de meu pai biológico. Meu avô, que também foi alfabetizador quando jovem, sofria de Mal de Alzheimer², há treze anos, já acamado, comendo comida pastosa, eu e minha tia revezávamos para acompanhá-lo enquanto esteve internado no hospital.

Perdi meu pai, que criou todos os oito filhos e cinco netos, sendo exemplo em Anastácio. Fiquei tão abalada que me ausentei por vários dias do mestrado, não conseguia “firmar” a cabeça para seguir adiante. Os seus últimos dias e a angústia ficaram guardados comigo e se repetiam diariamente em meus sonhos, perda que até hoje me incomoda... Ele faz muita falta!

Retomei meus estudos, ajudando minha família a passar por esse momento delicado. Estava tudo voltando à normalidade, quando o destino me passou outra rasteira. No dia 09 de Setembro de 2015, também veio a óbito o meu irmão mais velho, Vanderlei Silva de Freitas. Era quarta-feira, chovia e fazia frio, eu estava na aula no mestrado, quando recebi um telefonema informando o ocorrido.

O irmão mais velho, o que sempre servia de exemplo para os demais, ele teve grande contribuição para minha entrada no mestrado. Foi ele quem veio a Campo Grande, de moto, dar baixa na minha inscrição, porque já era o último dia e eu tinha

² **Alzheimer** é uma **doença degenerativa do cérebro**, incurável, que se agrava ao longo do tempo e atinge sobretudo pessoas entre 60 e 90 anos.

aula nos dois períodos. Novamente, afastei-me das aulas diante de mais uma perda irreparável, um buraco se abriu à minha frente e eu caí... Um buraco sem fim. Minha mãe sofreu muito, acordava de madrugada e gritava por meu irmão pelos cantos da casa.

~

O luto vivia em mim, mas evitava chorar na frente de minha mãe, para ela não fraquejar ainda mais. Sendo a única filha, algumas responsabilidades ficaram e, para enfrentá-las, busquei como sempre auxílio espiritual, forças para sair desse momento ruim que eu estava vivendo. Os dias foram passando e a “ficha” da minha mãe caiu, a dura realidade de ter perdido um filho. Aí veio o pior, a “depressão”, hipertensão e problemas cardíacos.

A morte de meu pai, João, foi mais aceita porque ele já estava acamado há anos. Sendo assim, eu esperava a sua partida, pois ele não sofreria mais. Descansou, e parte do nosso sofrimento se foi com ele. Quanto ao meu irmão, fico procurando respostas onde sei que não existem, e acredito que foi uma decisão divina. Os dias passam e parece que eles vão cruzar a porta de uma hora para outra... Superação seria a palavra de ordem.

Reafirmando que meus alunos são filhos, no início do segundo semestre, “perdi um filho”, Gean Campos, aluno do 7º ano do Ensino Fundamental, veio a óbito por afogamento nas águas do Rio Aquidauana. Criei um vínculo que vai além do portão da escola, de professora me tornei: mãe, amiga e madrinha. Um filho que peguei para cuidar já grande, mas que sempre será meu filho e, mais uma vez, o luto torna-se presente em minha vida.

No IX Encontro de Acadêmicos indígenas de MS, desafios e protagonismos nos 10 anos do Projeto Rede de Saberes realizado no dia 10 de Novembro da UCDB, um ótimo evento onde foi possível dialogar com egressos e ingressos do Rede de Saberes, momentos de emoção nosso “Pai” Antonio Brand foi lembrando e parecia estar presente em espírito naquele auditório, grandes lembranças dele para nós, povos indígenas.

Parecia estar tudo bem até que uma notícia chega para nos sobre a portaria de exoneração do Terena Evair Borges da Coordenação da CTL de Campo Grande Funai, e logo em seguida a nomeação do Coronel da reserva Renato Vidal Santana com indicação de um Deputado Ruralista Carlos Marun, isso causou revolta no movimento indígena (Assembleia Terena) antes do final do evento eu e mais alguns companheiros de luta resolvemos ir até a Funai.

Entre oito indígenas entramos no prédio da FUNAI dizendo “OCUPA FUNAI!!!”, subimos até o escritório do então exonerado coordenador Evair e comunicamos a eles que estávamos ocupamos o prédio a partir daquele momento. Ele agradeceu o apoio dado por nós naquele momento difícil de duro golpe para nós povos indígenas e comunicamos a todos os funcionários do quadro que a partir daquele momento estávamos no comando. Peguei a chave da porta com o “simpático” servidor 01.

Com o passar das horas os meios de comunicações já cercavam o prédio querendo esclarecimentos sobre o motivo da ocupação, pedimos a exoneração do Coronel e uma nomeação de outro indígena, pois não teria sentido nomear ele um militar para trabalhar com os indígenas. Em uma noite fria na FUNAI passos andavam no prédio portas batiam, mas nada de medo, eu sabia que era os espíritos dos caciques que estavam ali nos guardando.

Os dias foram passando, as ajudas chegando, seja com alimentação ou apoio de outros movimentos de resistência. O coronel rodeava o prédio da FUNAI querendo ver e saber quais eram as lideranças que ali encabeçavam essa resistência. Durante a ocupação aconteceu a Reunião da Grande Assembleia Terena na Aldeia Bananal T.I Taunay Ipegue. Em umas das noites foi resolvido que teríamos que fazer um manifesto maior...fechar a BR 262 e avenida Maracaju em Campo Grande.

A pedido de duas lideranças me desloquei para a capital fiz alguns contatos reuni alguns meios de comunicações para uma “coletiva”... quando Deus abençoa tudo acontece sincronizado, quando abrimos a porta para a imprensa entrar meu celular toca e eu ouvi apenas isso “ocupamos a BR agora e com vocês ai...” mas que rápido abrimos a garagem e interditamos a Avenida Maracajú com as sucatas de carros e computadores que há anos ocupam espaço na FUNAI.

Com o passar dos dias o MPF, chamou as partes para entrar em acordo, desocupamos a FUNAI no mesmo dia, em uma conversa aberta conosco do movimento o Coronel nos afirmou “ nem sei porque estou aqui, era para eu estar na minha, cuidando da minha cadelinha... me ligaram apenas e me deram esse cargo... não sei como funciona... se vocês me trouxerem as assinaturas dos caciques eu assino minha carta de demissão..”, foi dito e feito com três dias depois ele recebe o documento com mais de quarenta assinatura das lideranças e assina sua carta de demissão.

Fica de experiência, pois não seria da nossa vontade, mas também não seria da vontade de um deputado ruralista foi um luta difícil, hoje a FUNAI está sobre a

coordenação de um funcionário do quadro da mesma. Tomei uns puxões de orelha por causa do meu envolvimento midiático, pois tinha que focar na minha dissertação, ate porque depois dela concluída iria me dar outra visão para a causa indígena.

Posso dizer que dia após dia desconstruo e construo paradigmas em minha vida, passando por angústias, escorregões, crises, sofrimento, mas sou vitoriosa. Mesmo na educação superior, não desisto de minha comunidade, vou buscar melhorias para ela incansavelmente, pois sou mulher, indígena, mãe, professora e pesquisadora. Acredito que esse trabalho é *mais que uma realização pessoal, é uma conquista para meu Povo Terena.*

Dessa forma, esta pesquisa busca analisar e entender o processo que tem levado ao desuso da Língua Indígena Terena no cotidiano da aldeia Aldeinha, bem como vem se dando a revitalização da Língua Indígena Terena na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, nessa mesma aldeia, no município de Anastácio, em Mato Grosso do Sul. Esta pesquisa se orienta pelo entendimento de que se faz necessária a motivação, a luta pela valorização das tradições e a revitalização da língua.

O objetivo geral da pesquisa é compreender de que forma vem se dando o processo de revitalização da língua Terena na Comunidade Indígena Aldeia Aldeinha, no Município de Anastácio, em Mato Grosso do Sul.

Já os objetivos específicos se propõem a: Historizar como se deu o processo de desuso do uso da língua Terena na Aldeia Aldeinha; Identificar no Projeto Pedagógico Indígena (PPI) da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, ações e estratégias que contribuem para apropriação da Língua Terena, buscando entender de que forma e em que contexto se dá a inserção da disciplina Língua Terena; Investigar com os sujeitos do/no processo de revitalização da Língua Terena as contribuições para a comunidade da Aldeia Aldeinha e a sociedade Terena.

Os procedimentos metodológicos se baseiam na produção dos dados como uma pesquisa qualitativa, a partir da revisão bibliográfica, análise documental, diário de campo, entrevistas e autoetnografia.

No contexto da autoetnografia, busco desenvolver uma visão antropológica de uma indígena onde um misto de sentimentos permeia a expectativa de uma produção de dados satisfatória, caminhando entre o tradicional e a globalização, enfatizando a análise cultural.

Será também utilizada para produção de dados a história oral, sabendo que essa é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas com pessoas que

podem testemunhar sobre acontecimentos. Um método muitas vezes contestado na abordagem de culturas orais, pois não se trata apenas de entrevistar e ir embora, mas sim de retornar e de apresentar aos colaboradores a análise do que foi coletado nas entrevistas:

A aplicação dessas técnicas a culturas orais, situadas em outro contexto de tradição, impõe problemas novos e complexos, pois não se trata simplesmente de registrar as memórias e submetê-las à crítica metodológica. (BRAND, 2000, p. 213)

É transcrever tudo aquilo que foi revivido pela memória dos mestres tradicionais, jovens e professores, sem causar alteração nenhuma na história oral, pois ela é uma afirmação transmitida por eles, e precisa ser transcrita sem deixar passar por despercebido nenhum detalhe, por menor que seja. O recurso às fontes orais constitui, portanto, uma forma de reescrever o que já está escrito, confrontando-as com as fontes dos artigos e pesquisas. Segundo Brand:

[...] a história oral é uma luta contra “outras interpretações históricas”, partindo da afirmação de que a história inclui a forma como a memória popular é construída e reconstruída como parte da consciência contemporânea. (BRAND, 2000, p. 210)

O processo de desuso da Língua Terena na Aldeia Aldeinha, diante dos novos valores que passaram a fazer parte da sua cultura, já estão minimamente levantados através de meu trabalho de conclusão de curso de graduação, que está atualizado.

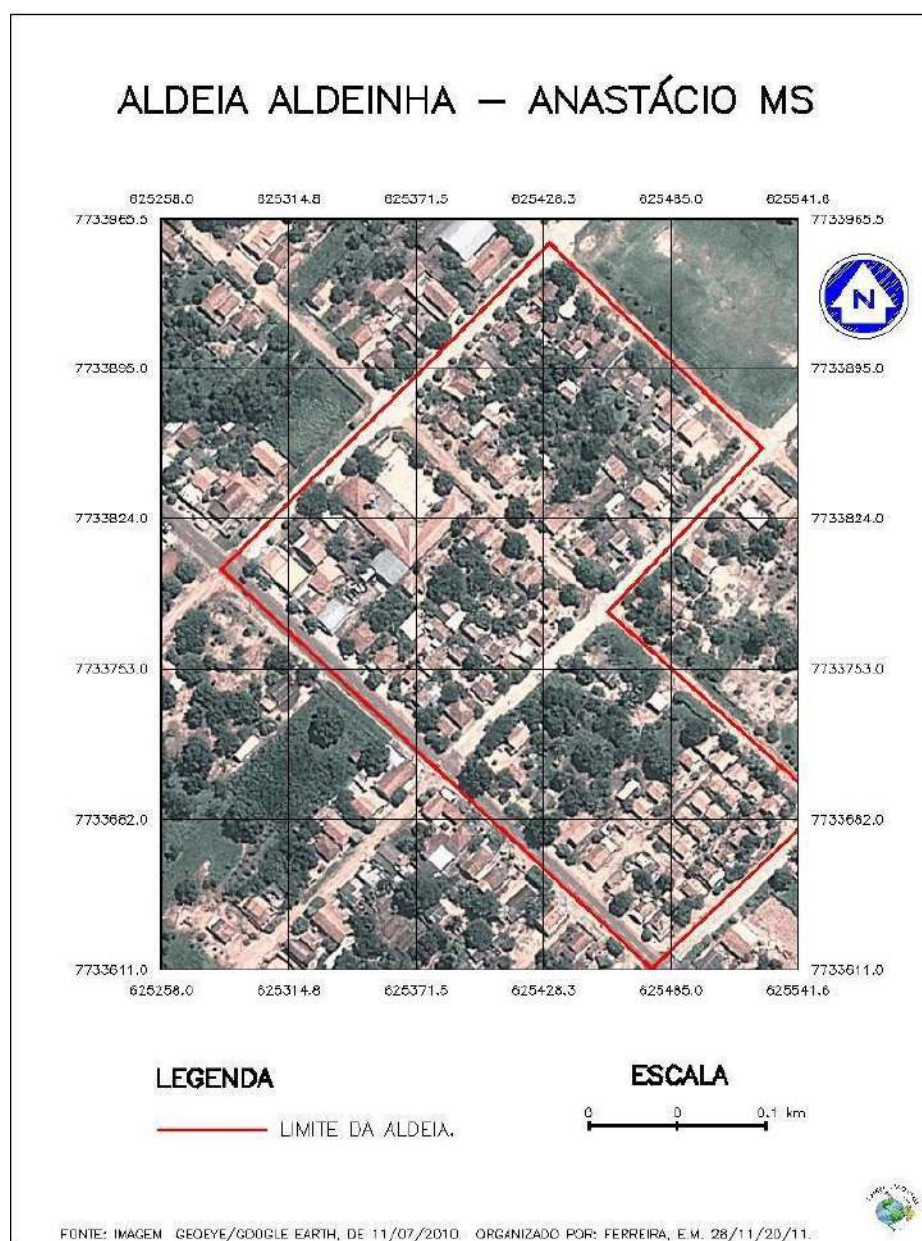
Para compreender a importância da Língua Terena no momento atual foram estabelecidos diálogos frequentes com os mestres tradicionais da aldeia, bem como com os demais adultos e jovens, buscando entender os motivos do desuso da língua e do possível interesse desses pela revitalização da Língua.

Em relação à inserção do estudo da língua Terena no Projeto Pedagógico Indígena (PPI), da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, é destacada as formas com que o mesmo foi elaborado juntamente com a comunidade, buscando entender de que modo a inserção do componente curricular Língua Terena no PPI e a sua implementação através da escola contribuem efetivamente para a revitalização da língua indígena Terena na comunidade.

A fim de compreender, junto aos alunos que já passaram pela escola e com aqueles que estão regularmente matriculados, se o Componente Curricular Língua Terena contribuiu para que entendessem a importância de falarem a língua Terena, bem como para verificar junto à comunidade da aldeia se a escola tem contribuído para a revitalização da língua indígena Terena no espaço da comunidade, utilizamos técnicas de história oral.

CAPÍTULO I

PROCESSO DE DESUSO DA LÍNGUA TERENA NA ALDEIA ALDEINHA: HISTÓRIA E RESISTÊNCIA



Localizada no Município de Anastácio, a 127 km de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste, a Aldeia Aldeinha se encontra em um contexto urbano e em função do crescimento e do avanço desordenado da população Anastaciana, e também devido a não demarcação da terra indígena, o uso cotidiano da

Língua Terena por parte dos moradores dessa comunidade tem diminuído significativamente, alterando os espaços físico e cultural.

Dentro da cidade de Aquidauana, em zona suburbana, vivem 39 famílias de índios Terena e mestiços, que constituem uma população de pouco menos de 250 indivíduos. Residentes a dois quilômetros da margem esquerda do rio Aquidauana, em terras por eles mesmos adquiridas, esses Terena são identificado como gente da Aldeinha (OLIVEIRA, 1976, p.81)

Atualmente, na Aldeinha, vivem 91 famílias e uma população de 350 habitantes (SESAI, 2015), composta por Terena e *Aneyé* (que no idioma Terena significa Mistura de Índio com Purutuye/não indígena). São denominados como pessoas híbridas, uma vez que as culturas são como identidades nacionais, cada nação tem sua própria identidade e as culturas constroem as identidades (HALL, 2013).

Segundo o Senhor Elias Nimbú³, mestre tradicional⁴ que hoje conta com 67 anos de idade, o Terena já residia aqui ainda quando a cidade de Anastácio não existia, “Bom eu quero contar, quando eu vim pra cá, margem esquerda aquela época era distrito de Aquidauana então vim pra cá naquela época em 1960...”. (PEREIRA, 2011, p.42)

No depoimento de Gedeão Jorge, que é bisneto da fundadora da aldeia, a chegada da família de Dona Umbelina Jorge, vindo da Aldeia Buriti, ocorreu no dia 8 de Abril de 1932. A saída dessa família do Buriti se deu por um desentendimento religioso, pois saíram da aldeia a matriarca juntamente com doze pessoas que faziam parte da caravana e o destino era a aldeia Cachoeirinha, no Município de Miranda. Esses indígenas chegaram até a área em que hoje se encontram na Aldeinha, acompanhando o leito do rio Aquidauana. Perceberam que ali dispunham de espaço e possibilidades de formar uma nova comunidade indígena.

Ao chegarem à margem esquerda da atual cidade de Anastácio, nas proximidades da fazenda Santa Maria, encontraram o filho da Dona Umbelina, Jorge José da Costa, popularmente conhecido como José

³ Elias Nimbú (in memoriam), falante da língua Terena e mestre tradicional em ervas medicinais. Falecido no ano de 2016.

⁴ Mestre Tradicional na Aldeinha são os senhores e senhoras acima dos 50 anos e em estar presente nos movimentos da comunidade.

Coreiro ou Zé Coreiro, que pediu para que eles ficassem por ali mesmo, pois iriam comprar terras na margem esquerda (PEREIRA, 2011, p. 45).

O senhor Manequinho, fazendeiro e pai de criação do Senhor Zé Coreiro, propôs um acordo para a compra de 32 hectares de terras, pagos em animais, serviços e mediante a retirada de postes e lenhas para serem usados na fazenda. A família de Dona Umbelina foi instalada na área e construíram um casebre, ao lado do qual fizeram plantações e toda a família cultivava produtos para a subsistência.

A respeito do nome Aldeinha, surgiu por meio dos evangélicos que aos domingos após a escola dominical combinavam visitas aos irmãos da Aldeia pequena se referindo à família de Dona Umbelina e seu Zé Coreiro, surgindo assim o nome Aldeinha. (PEREIRA, 2011, p. 45)

Quando Gedeão Jorge se refere “um casebre”, em um dos trechos da entrevista na visão dele ele entende que seria uma “casa pequena, simples” casa esta aonde se realizam vários momentos de culto e adoração entre eles aos domingos.

Os índios Terena, fundadores da comunidade de Aldeinha, que trabalhavam na Fazenda Conceição, de propriedade de Aureliano da Costa, mais conhecido por “Seu Manequinho”, cuja mão-de-obra era essencialmente Terena [...] A família Jorge, fundadora de Aldeinha, deslocou-se para Buriti, ficando apenas um remanescente, José Coreiro da Costa, apadrinhado e criado de seu “manequinho”, de quem herdou o sobrenome Costa. (MOURA, 1994, p.09)

Foto 01: Dona Umbelina Jorge, fundadora da Aldeinha.



Fonte: Acervo pessoal, Felicina da Silva Paulo.

Não encontrei menções ao termo “BAIRRO” dentro dos relatos e histórias que ouvi durante minha pesquisa nessa comunidade. Pude ver que o cacique Pedro Jorge teve presença marcante enquanto liderança, no que se refere ao território indígena e à busca pela terra, movido por seu comprometimento com a comunidade: “É uma dessas palavras que transmitem uma sensação boa: é bom, pertencer a uma comunidade”. (BAUMAN, 2003, p. 07)

Aldeinha não seria um bairro, até porque antes da cidade de Anastácio ser emancipada, a Aldeinha já existia na região denominada Margem Esquerda e era pertencente ao município de Aquidauana. Atualmente, ambas são consideradas cidades coirmãs, separadas por um rio. Para nós, Terena da Comunidade Aldeinha, ela é um espaço onde todos se ajudam, cada um conhece o vizinho, o companheiro, é agradável e há troca de conhecimentos e experiências.

A Senhora Dirce Francisco Nimbú⁵ conta em entrevista, que veio quando moça, da Aldeia Córrego Seco município de Aquidauana para trabalhar na Aldeinha no final da década de 80, como doméstica em casa de família, para conseguir construir uma pequena casa. Juntamente com seu esposo Marcio ajudava na disseminação da tradição Terena por meio de grupos de dança com crianças, jovens e adultos, além de confecção dos trajes nativos, flechas, arcos e lanças.

No mandato do Cacique Pedro Jorge (in memoriam) o segundo cacique da aldeia Aldeinha, aconteceram vários fatos que contribuíram contra o trabalho de revitalização da cultura Terena como, por exemplo, resistir na questão de território e sobrevivência em meio à cidade. Houve uma invasão dos pernambucanos para a ocupação do território pertencente à comunidade indígena Aldeinha. O processo de defesa do território e resistência contra essa invasão foi difícil, pois os indígenas só possuíam como armas paus e pedras enquanto os pernambucanos tinham armas de fogo.

Com essa tomada das terras indígenas pelas pessoas não indígenas, e os confrontos culturais começou então o crescimento urbano com o passar dos anos, ainda na gestão do Cacique Pedro Jorge os indígenas conseguiram reaver uma parte dos lotes que haviam lhe tomado passando assim a recuperar aos poucos o seu território.

Aldeinha é uma comunidade indígena urbana, e no ponto de vista dos nossos representantes políticos ela também é vista dessa forma. A questão do reconhecimento e

⁵Dirce Francisco Nimbú mestre tradicional e falante da língua Terena.

demarcação das Terras indígenas de Anastácio esta parada desde o ano de 1985, segundo informação da FUNAI. Recentemente moradores da comunidade entraram com pedido ao Ministério Público Federal para a legalização da área de lazer da comunidade, em relação às demais localizações da Aldeinha houve um desinteresse ou comodismo das lideranças que já passaram por aqui, em não buscar formar para que esse pedido que estava em tramitação não ficasse esquecido na justiça.

Esse fato e o mais recente na resistência de permanecer nessa região tradicional dos Terena em Anastácio, chegar ao ponto de entrar com processo obrigando o gestor municipal, e a outra parte que supostamente tem a “escritura da terra” em seu nome para que se justificassem porque ainda não houve um “acordo” entre as partes interessadas para que não fosse perdido mais uma parte do território.

Desde a vinda dos colonizadores, as culturas indígenas foram se transformando com o passar dos anos e os indígenas passaram a conviver com os costumes não indígenas, mas o que restou dos traços culturais dos Terena na Aldeia Aldeinha?

Embora a Constituição Federal de 1988 assegure a autonomia dos povos indígenas em relação à cultura, tradições e uso das línguas indígenas, na prática, o indígena ainda continua sendo alvo de preconceito na sociedade, sendo taxados como alcoólatras, preguiçosos, suicidas, o que resulta na construção de um estereótipo e na ideia de que o indígena, para ser considerado como tal, deve se vestir e viver como viveram seus antepassados há quinhentos e dezesseis anos.

O preconceito, um dos motivos da não utilização da língua indígena Terena e da diminuição do interesse pela cultura indígena por parte dos jovens na aldeia, está relacionado à expectativa desses jovens serem aceitos pela sociedade envolvente. E sem o apoio da família, esse processo torna ainda mais difícil a busca de alternativas e de motivação para que os jovens possam mudar essa realidade. Esse processo ocorre não apenas na Aldeinha, mas nas demais aldeias da região.

é melhor ele aprender o português do que a língua terena, então se a família não mobilizar, se a família não colocar que essa é a nossa língua, e é assim que temos que falar aí a criança, o adolescente, o jovem não vai dar o devido valor que ela tem, e eu falo para eles assim, é interessante isso também serve como uma arma de defesa pra quem fala uma língua. (Professora Dinayde⁶).

⁶ Dinayde Jorge de Oliveira, falante da língua Terena, professora de Língua Portuguesa/Literatura.

E há também as necessidades desses jovens serem “aceitos” na sociedade não indígena, de serem incorporados, deixando de ser “diferentes” e deixando de lado a cultura indígena Terena. A necessidade de interagir na vivência dos não indígenas foi necessária com o crescimento da cidade nos arredores da Aldeinha.

Os seus objetos culturais de desejos recentes, como a moeda e o passaporte, são o resultado da necessidade que esses povos têm de incorporar em seu modo de vida e meios de sobrevivência nesse novo mundo em que foram obrigados a se inserir (...). Porém, o que talvez seja pior é o efeito moralmente perverso do etnocentrismo colonial, que tende a transformar a consciência indígena numa “consciência infeliz”... Levando o “índio a se ver com os olhos do branco” do colonizador. (OLIVEIRA, 2000, p.18)

No Brasil, desde a chegada dos europeus, os povos indígenas foram obrigados ao processo de colonização como, por exemplo, no uso de roupas e no ensino da língua escrita por parte dos colonizadores.

Se, por um lado, a criação de reservas dos Terena foi de suma importância para sua sobrevivência física (...) Por outro lado, o caráter segregacionista dessa política foi realçado, mesmo que seja como consequência interna do processo de aldeamento. (MOURA, 1994, p. 08)

Os indígenas começaram a aprender a Língua Portuguesa com a vinda dos jesuítas e a pregação do cristianismo através da catequese. Desde então, começou o declínio do uso da língua dos povos indígenas que passaram a ter contato com os colonizadores europeus, sabendo dos prejuízos daí advindos, já que é sabido que a língua é a identidade de um povo e, portanto, deve ser mantida com auxílio de um mecanismo para a manutenção da mesma.

A língua indígena foi aproveitada na exploração das terras brasileiras e na evangelização, sendo que os jesuítas aprenderam a língua dos indígenas facilitando assim a comunicação entre colonizadores e os povos nativos, o que ajudou na ocupação do território, antes povoado exclusivamente pelos nativos que foram denominados de indígenas. Com a nova língua aprendida pelos colonizadores foram dados nomes às plantas, animais, dentre outras coisas desconhecidas pelos colonizadores neste continente. (MELO 1981)

O desuso da Língua Terena também vem desse processo colonizador em que os povos indígenas passaram, e passam até hoje, com a chegada e ocupação desse continente pelos europeus, visto que não se pode falar de descoberta quando um local já possui moradores, como no caso das Américas.

Em função de muitas perdas durante o processo de colonização, hoje, o governo brasileiro reconhece aos povos indígenas direitos garantidos na Constituição Brasileira de 1988, no Artigo 231:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Dessa forma, um dos aspectos mais fortes que contribuíram para que os indígenas deixassem de falar a Língua Terena na Aldeia Aldeinha foi à questão territorial, com o crescimento desordenado da população, casamento de indígenas com não indígenas, levando conseqüentemente a uma miscigenação cultural e à supremacia da Língua Portuguesa sobre a língua Terena.

No decorrer dos anos, a sociedade passe por mudanças em seu cotidiano, uma vez que a cultura é dinâmica, mas essas mudanças trouxeram com certeza aspectos negativos para os Terena, como, por exemplo, a vergonha de falar a língua Terena, bem como com o distanciamento das práticas da cultura Terena pelos jovens da Aldeia Aldeinha.

As sociedades indígenas são ágrafas. Por não possuírem a escrita alfabética, transmitiam seus conhecimentos e saberes através da oralidade, contando histórias, comunicando e perpetuando a herança cultural de geração em geração. (MARIA, 2011, pg. 28)

Mas os jovens da Aldeia Aldeinha, de certa forma, se sentem acanhados em falar a Língua Terena, até mesmo pelo fato de não terem uma família falante, o que contribui para que eles não a usem. Além disso, ocorre também uma negação da família, pois se os jovens e crianças não falam a língua indígena Terena é porque não foram ensinados em suas casas, e não porque não querem falar. Não foram ensinados em casa por decisão dos próprios pais, para evitar que os seus filhos venham a ser vítimas de “preconceito”.

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma, como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser conquistada ou perdida. (HALL, 2013 p. 20-21)

HALL (2011) lembra que não pode falar como guardião da consciência dos estudos culturais, como se tivesse uma verdadeira essência, que os estudos culturais são como ruídos teóricos acompanhados por sentimentos negativos, discussões, ansiedades instáveis, entre outros. Cada povo tem sua especificidade, suas restrições e sentimentos que frequentemente permeiam as comunidades indígenas e o ambiente escolar:

A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compreensão espaço-tempo. (HALL, 2011 p.48)

Por ser uma comunidade indígena urbana, a Aldeinha vem sofrendo mudanças com as influências ocidentais, costumes e tradições às vezes são trocados por moda, as roupas e os aparelhos eletrônicos. A comunidade caminha lado a lado com essas questões, que com o passar dos anos têm ocupado mais espaço entre os jovens e crianças.

Bhabha (2013, p.19) traz a seguinte reflexão: “É o tropo dos nossos tempos colocar a questão da cultura na esfera do além”. Ir além seria construir uma nova cultura, é algo para se deixar para o futuro, uma continuidade, ter uma categoria fixa, colocadas de forma líquida. “O além não é nem um novo horizonte, nem abandono do passado... Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação...” (p.19). Ir além do que espera a educação, ir além na comunidade, trazer a comunidade para ajudar a cultura indígena nas famílias.

O além para nós seria a “preparação”, não só dos jovens para o futuro em relação ao ser Terena. Vivenciar histórias para ficar para as próximas gerações e contar para elas como esse processo esta acontecendo como esta sendo realizada a revitalização para o fortalecimento dessa comunidade, como foram as lutas, as vitórias e derrotas.

Segundo Vilanova (1994, p.46), ao descartar o caráter “intrinsecamente diferente” das fontes orais e a importância de uma “História que seja útil” e de uma

“História bem-feita”, reconhece-se também que “sem as fontes orais, é uma história incompleta.”.

As fontes orais dos mestres tradicionais da Aldeinha completam essa pesquisa de mestrado. Eles podem narrar o passado e o presente com suas memórias, ainda que falhas, mas com palavras firmes e cativantes. As visitas de campo foram sempre marcadas com um bom tereré e um bom diálogo com os entrevistados já que sou pertencente a comunidade houve facilidade nos diálogos.

Sabe-se que as questões indígenas sempre foram marcadas por diferenças da sociedade não indígena entre essas diferenças a “questão do índio na escola” o deixar de ser indígena ao quebrar essas paradigmas criados pela mesma, diferenças essas que estão presentes nas comunidades indígenas e escolares. Sempre tem uma questão de “preconceito”, seja ela pequena ou em grande proporção, nunca vai deixar de ser uma angústia.

No curso da história, a diferença sempre foi um ameaça para os organismos e suas instituições”, alunos indígenas que residem em aldeias urbanas, passam por esse processo lentamente até se acomodarem e deixarem suas tradições em um segundo plano. NASCIMENTO (2004, p.21).

CAPÍTULO II

A ESCOLARIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PARA A REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TERENA: TRAJETÓRIA NOS DOCUMENTOS E NAS MEMÓRIAS

O processo de educação escolar indígena na Aldeinha passou por um longo processo de construção, com o crescimento do número de indígenas também foi aumentando a necessidade de um lugar para acolher as crianças no período em que seus pais trabalhavam (PEREIRA, 2015). Segundo consta no Projeto Pedagógico⁷ da escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, atualizado recentemente para o funcionamento da Escola, narra-se a seguinte história:

No dia 11 de março de 1992 foi instalada a pré-escola no barracão da igreja Assembléia de Deus, na residência do Sr Daniel Jorge, com a presença do Sr José Godim Lins Neto – procurador educacional da FUNAI, e a professora Ozaida de Oliveira e Lino Luis – Chefe de posto. E no primeiro dia de aula, as crianças tiveram o lanche e materiais escolares provenientes da FUNAI, após o procurador educacional e professores estiveram comunicando a prefeitura municipal sobre a abertura da pré-escola exclusiva para as crianças indígenas; Mas as instalações eram inadequadas, pois as mesas eram o banco e as crianças ficavam ajoelhadas para escrever em seus cadernos, este fato perdurou por dois anos, tendo como corpo docente Prof^ª. Ozaida de Oliveira Luiz, Valdir João, como merendeiras voluntárias: Ivanir Nimbú e Margarida Pereira. E após o Sr Valdir João assumir o Posto da FUNAI, assumiu como professora a Sr^a Dóris Paulo. No ano de 1993 com apoio do delegado da FUNAI Raimundo Nonato Rosa é que conseguiram trazer o primeiro benefício para a comunidade, o Posto Indígena, e para os alunos de pré-escola e da 1ª série, recebendo provisoriamente o nome de Escola Municipal "Ventura Jorge", em homenagem ao morador mais antigo da aldeia Aldeinha. Com o aumento da demanda, em 1994 houve a necessidade de ocupar espaço maior, instalando-se no espaço físico da Igreja Luterana do Brasil, fora da aldeia. Os professores desta época foram: Dóris Paulo Ortiz indígena Terena, Sarita de Oliveira Andrade indígena Terena, Maria José Ferreira e Georcenita. Em 1996, se instalaram nas salas da Igreja Uniedas, ficando ali por dois anos. Em 1998, retornaram para Aldeinha com duas salas de aulas construídas pela comunidade, na gestão do cacique Félix, Sr Aparecida de Oliveira Bugarim – Presidente da Associação de Moradores, onde ficaram assim distribuídas: 1ª e 2ª séries no período matutino, 3ª e 4ª

⁷ Projeto Pedagógico atualizado no ano de 2015.

série no período vespertino, e Alfabetização para Jovens e Adultos no período noturno; com professores cedidos pela Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Anastácio. Em 1998, com a eleição do cacique Flávio Pereira, a comunidade juntamente com a liderança, finalizou a construção do projeto da escola. Neste período a escola passou a ser extensão da Escola Municipal Jardim Independência; tendo como parceira a Prefeitura Municipal de Anastácio no pagamento de água, luz, funcionários e materiais escolares. Em 2001, com a reeleição do cacique Flávio Pereira, inicia-se o projeto para a construção de uma escola indígena. Em 2002, foi demolida a escola devido à precariedade para construção de um novo prédio, a escola novamente volta para a Igreja Uniedas. Em 2003, inicia-se a construção da escola com estrutura de madeira, que foi vetada pela comunidade; encaminhou-se um novo projeto para o Estado. Em 2004, inicia-se a construção de fato da escola que atenderia o anseio da comunidade, contendo: quatro salas de aula, uma sala de professores junto à secretaria, uma cozinha e despensa, um refeitório, dois banheiros para atender os alunos especiais e uma quadra de esporte.

Atualmente a Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva recebeu este nome em homenagem a uma das primeiras famílias a se instalar na Aldeinha, oriunda aldeia Buriti, mãe de nove filhos, que posteriormente os filhos e netos se tornaram lideranças na comunidade da Aldeinha.

Foto 02: Guilhermina da Silva, com sua família.



Fonte: Acervo da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva.

Passaram pela direção da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, os professores: 1º Sarita de Oliveira Andrade; 2º Silvio Rocha Gimenes; 3º Giselaíne

Morais Jorge; 4º Suely Lopes de Oliveira. Atualmente, neste corrente ano a diretora é Nely de Souza Malheiros Anderson. A escola oferece o ensino regular do 1º ano ao 9º ano, no período diurno e Educação de Jovens e Adultos (EJA) no ensino fundamental e ensino médio no período noturno. Dessa forma, a escola começa uma nova página da sua história, buscando o objetivo de realmente ser um instrumento para a comunidade indígena.

Situação física da escola Área do terreno: 40,00 x 50,00 = 2.000,00 m² . Área construída da Escola: 564,94 m²Instalações: A escola possui 06 salas de aulas por período, tem uma sala de tecnologia. A quadra ainda é descoberta. Possui 02 banheiros masculino e feminino, 01 cozinha com despensa, 01 sala de leitura sustentável (de garrafa pet), 01 secretaria adaptada com 01 banheiro. Observação: A escola não possui biblioteca, sala da direção, sala administrativa, sala e banheiros para professores e sala de coordenação. Não possuem rampas de acesso às salas, pisos antiderrapantes e corrimões, banheiros adaptados aos alunos com necessidades especiais (cadeirantes e cegos).

A Escola conta atualmente com o quadro funcionários e docentes atuantes em diferentes áreas:

QUADRO I:

Nome do professor (a)	Povo Indígena/Etnia	Habilitação	Disciplina Ministrada	Turno que Atua	Modalidade EF/EM/EJA
Aécio Paulo Orsi	Indígena Terena	Educação Física	Educação Física	Vespertino	EF
Allannea Carla D'Avila de Carvalho Garcia	Não Indígena	Geografia	Geografia	Noturno	EJA
Ana Carina Paulo dos Santos	Indígena Terena	Magistério Parcelado de Férias/Licenciatura em Ciências Matemáticas e da Natureza	Atividades	Vespertino	EF
Ana Rosa Barboza Lopes	Não Indígena	Geografia	STE - Progetec	Matutino/Vespertino/Noturno	EF/EJA
Cleia Jacques Cavalheiro Leguizamon	Não Indígena	Ensino Superior Incompleto(Matemática)	Matemática/Física	Matutino/Noturno	EF/EJA
Daiane Vila Crispim	Não Indígena	Pedagogia	Atividades	Vespertino	EF

Denísia Paulo	Indígena Terena	Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal Habilitação Linguagens e Educação Intercultural.	Língua Portuguesa/Arte	Matutino/Vespertino	EF
Dialine Ramos Santana França	Não Indígena	Pedagogia	Atividades	Vespertino	EF
Dóris Paulo Ortiz	Indígena Terena	Normal Superior Indígena	Coordenadora	Vespertino	EF
Edemilson Dias	Indígena Terena	História	História	Noturno	EJA
Évelin Tatiane da Silva Pereira	Indígena Terena	Geografia	Geografia	Matutino/Noturno	EF/EJA
Flávia Guiomar Ferreira da Silva Rohdt	Não Indígena	Letras/Português/Literatura	Coordenadora	Noturno	EJA
Gleice Mara Dias Rosa	Indígena Terena	Pedagogia	Ciências da Natureza	Noturno	EJA
Irani Batista Cancio	Não Indígena	Pedagogia	Atividades	Vespertino	EF
Janice Correa Dias	Indígena Terena	Matemática	Matemática	Matutino/Noturno	EF/EJA
Jessé Joel Nimbú Correia	Indígena Terena	Ensino Superior Incompleto(Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal Habilitação Linguagens e Educação Intercultural)	Língua Materna Terena	Matutino/Vespertino	EF
Josiane Borlinques Paulo da Silva	Indígena Terena	Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal Habilitação Linguagens e Educação Intercultural.	Língua Portuguesa/Literatura II	Matutino/Noturno	EF/EJA
Juarez de Souza Martins	Não Indígena	Educação Física	Arte/Educação Física	Noturno	EJA
Jucinara Barbosa Medina	Não Indígena	Ciências Biológicas	Ciências da Natureza/Química/Física/Biologia	Noturno	EJA
Júlio César Dos Santos	Não Indígena	Letras/Português/Literatura	Língua Portuguesa/Literatura II	Noturno	EJA
Jusemir de Azevedo Botelho	Indígena Terena	Ensino Superior Incompleto(Educação Física)	Educação Física	Matutino	EF
Jussara Dias Nimbú	Indígena Terena	Pedagogia	Coordenadora	Matutino	EF
Leonardo Borlinque Leite	Indígena Terena	Matemática	Matemática	Noturno	EJA
Lidiane Barbosa da Silva	Não Indígena	Letras/Português/Literatura	Língua Portuguesa	Noturno	EJA
Lívia Paulo Ortiz Jorge	Indígena Terena	Pedagogia	Atividades	Vespertino	EF
Luis Carlos Sampaio	Não Indígena	Letras/Português/Inglês	Língua Inglesa	Matutino/Noturno	EF/EJA
Marcia França Borlinque	Indígena Terena	Pedagogia	Arte/Sociologia/Filosofia	Vespertino/Noturno	EF/EJA

Marília Prado de Azevedo	Indígena Terena	Ensino Superior Incompleto(Educação Física)	Educação Física	Matutino/Vespertino	EF
Marinez Rodrigues Leandro	Indígena Terena	Normal Superior	Atividades	Noturno	EJA
Mário Magno de Brito Ramos	Não Indígena	Ensino Médio/Ensino Superior Incompleto	Intérprete Libras	Matutino	EF
Maristela Jorge de Oliveira Gomes	Indígena Terena	Normal Superior	Atividades	Vespertino	EF
Nádia Anacleto da Silva	Indígena Terena	Magistério: Curso Normal Médio indígena Povos do Pantanal-MS/Indígenas/Ensino Superior Incompleto(Pedagogia)	Ciências da Natureza	Vespertino	EF
Nilton Rodrigues Campos	Indígena Terena	Ensino Superior Incompleto(História)	História	Matutino	EF
Nívia Oliveira Reis	Não Indígena	Pedagogia	Apoio Ambiente Escolar	Noturno	EJA
Onézimo Leite da Silva	Indígena Terena	Magistério: Curso Normal Médio/Ensino Superior Incompleto(Pedagogia)	Atividades	Vespertino	EF
Reinaldo Paulo Rohdt	Indígena Terena	História	História	Matutino/Noturno	EF/EJA
Simone Botelho Benites	Indígena Terena	Agronomia/Ensino Superior Incompleto(Ciências Biológicas)	Ciências da Natureza/Biologia/Química	Matutino/Noturno	EF/EJA
Tisa Tati Oliveira Andrade	Indígena Terena	Artes Cênicas e Dança	Arte	Matutino	EF
Walquíria Furtado Artigas – Sala de Recursos	Não Indígena	Pedagogia	Recursos Midiáticos	Matutino/Vespertino	EF

QUADRO II:

Relação Nominal do Corpo Técnico-Administrativo				
Nome	Povo Indígena/Etnia	Cargo/Função	Escolaridade	
			Curso	Habilitação
Almir Fernando Silva(afastado)	Não Indígena	Agente de Merenda	Ensino Fundamental	-----
Deise Paulo	Indígena	Agente de	Ensino Médio	-----

	Terena	Limpeza		
Francini dos Santos Leguizamom França	Indígena Terena	Agente de Limpeza	Ensino Superior	Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal Habilitação Ciências da Natureza e Educação
Janaina Velasco Braga de Miranda	Não Indígena	Agente de Limpeza	Ensino Superior	Pedagogia
Jurcelene da Costa Monteiro	Não Indígena	Assistente de Atividades Educativas	Ensino Médio	-----
Luciene Francisca Novaes	Indígena Terena	Agente de Limpeza	Ensino Médio	-----
Michele Rejane de Souza	Não Indígena	Cozinheira	Ensino Fundamental	-----
Nely de Souza Malheiros Anderson	Não Indígena	Diretora	Ensino Superior	Pedagogia / Gestão Escolar
Odemir Leite da Silva	Não Indígena	Assistente de Atividades Educativas - Secretário Escolar	Ensino Médio	-----
Robson Hancio Medeiros	Indígena Terena	Agente de Merenda	Ensino Superior	Letras / Português/Espanhol
Zilda Ferreira da Silva Oliveira	Não Indígena	Agente de Merenda	Ensino Médio	-----

Proposta de trabalho para medidas de melhoria da organização da escola e do desempenho são elas: Formações continuadas, Projetos: Semana dos Povos Indígenas, Jogos Abertos de Verão "Tereno", Combate ao Bullying, Banda de Percussão "Gean Campos", entre outros. Oficinas aos professores (especificidade indígena), Formações continuadas aos administrativos, Reuniões bimestrais, Avaliações internas e externas, Simulados, Família na escola, Parcerias com órgãos públicos e Ongs, Atividades culturais, Ação Saberes Indígenas na Escola⁸.

⁸Saberes Indígenas na Escola é uma ação que busca promover a formação continuada de professores da educação escolar indígena, especialmente daqueles que atuam nos anos iniciais da educação básica nas escolas indígenas; oferecer recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades da organização comunitária, do multilinguismo e da interculturalidade que fundamentam os projetos educativos nas comunidades indígenas.

Foto 03: A escola da Aldeinha (extensão da escola Municipal Jardim Independência) funcionava com duas pequenas salas.



Fonte: Acervo pessoal Jessé Nimbú, 1998.

Foto 04: Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, prédio atual.



Fonte: Acervo da escola indígena.

Despertar nos alunos da escola indígena da Aldeinha o interesse pela Língua Terena, utilizando a Educação Escolar Indígena, tem sido um desafio não somente para o professor de Terena, mas sim para todos os professores indígenas da mesma, pois no quadro dos docentes ainda temos professores não indígenas. Apaixonar-se pela Língua que deveria ser a “Materna⁹” tem unido todos os educadores de diferentes áreas de ensino.

Nas comunidades Terena, a escola tem sido um meio de revitalização da língua e também das culturas (vestes, danças, pinturas e comidas), espaço esse ocupado pelos moradores e alunos que ali usam com frequência não somente para enviar seus filhos, para aprender a ler, escrever e fazer uma somatória simples, como já dizia minha avó, mestre tradicional na Aldeinha, “ desde que eu me entendo por gente, saber ler, escrever e fazer contas é a base de tudo...”. Esse fato é reafirmado em outras terras indígenas.

Segundo, FARIAS (2015, p. 21):

A escola é uma das representações que, hoje, é muito bem aceita pela cultura Terena. Entretanto, a comunidade luta para que o sistema educacional escolar compreenda o Terena, enquanto povo, com suas representações culturais, e não mais partindo de “fora” para “dentro”.

Olhando pelo lado territorial, desde a perda parcial das Terras Indígenas após a Guerra do Paraguai, ocorreram alguns fatores obrigatórios para nós sermos “aceitos” na sociedade “ocidental” e a escola sempre se constituiu como referência para essa inserção nesse novo mundo. Segundo Fialho (2010, p.31):

A escola foi um dos pontos da intervenção da língua uma vez que a criação da escola veio acoplada com a obrigatoriedade do ensino na língua portuguesa, uma vez que a visão integracionista imperava neste período, defendendo a integração do índio na sociedade nacional.

Nossos alunos adolescentes estão em constate conflito com a cultura não indígena, postura, fala, vestimentas, e quando são reinseridos na realidade da Aldeinha se deparam com outra visão, ondem estamos presos a vários dispositivos reguladores

⁹ Materna a língua que se aprende com a mãe Terena, enquanto criança.

que tentam nos prender a um ritmo só, a uma só batida, onde são classificados como o outro sujeito, buscando construir uma nova identidade. De acordo com Calderoni (2011, p. 31): “Ou seja, os alunos índios já chegam com as marcas culturais e sociais em decorrência de como foram ordenados no mundo”.

A Aldeinha tenta revitalizar a Língua Terena, nossos jovens construíram uma nova identidade Terena, se apropriaram de costumes dos jovens não indígenas passando por angústias e escorregões, mas as crianças das séries iniciais da E.E.I. Guilhermina da Silva também estão sendo foco desse processo que ocorre lentamente. Mas como fazer elas se apaixonarem pelo “novo”? Nós educadores, somos referência, somos lideranças, compartilhar experiências em pequenas histórias, para os *Kalivôno* (criança), ser Terena e afirmar isso em todos os momentos, segundo Elias Sobrinho 2010:

Enepo ihihexa ya emó'uke Terena hako molova yokóvo. Vo' oku enepone ákoyea omotova yakóvo, eopovatimo Kalivôno, yane apêtimo uhé'ekoti yêho (Quando você ensinar na língua Terena “ame-a”. Pois o amor é contagiante e assim a criança perceberá seu amor por ela, e assim terá resultado positivo). (ELIAS SOBRINHO, 2010, p.61)

Se afirmar como indígena para os alunos e demonstrar amor pela identidade, desperta sentimentos para com a Cultura e tradições, reforça o laço afetivo que a comunidade tem com a escola não só como instituição de ensino, mas como uma “mãe” que sempre vai estar de portas abertas para trocas de conhecimentos.

[...] que eu vejo que tem a língua materna, eles não dão muita importância, porque eu acho assim pra quê, que eu vou precisar dessa língua principalmente aqui? Pra que ela vai servir? Por que na verdade eu vou usar aonde essa língua? E eu sempre falava na questão da valorização de saber quem eu sou então eu sou Dinayde Jorge de Oliveira sou índia terena meus pais são índios terena essa é a minha língua é assim que eu falo. (Professora Dinayde)

Os alunos adolescentes tentam revitalizar, buscando deixar de ser o “outro”, ser Terena sem deixar de ser diferente dos demais amigos não indígenas, com a aceleração das tecnologias e o avanço da urbanização que ocorre dentro da Aldeinha, saberes indígenas e a modernidade caminham lado a lado no ambiente escolar, e os mestres tradicionais sentem essa mudança e de certa forma negam essa “nova tradição”, falar Terena e seguir tradições antigas ainda são as melhores formas de evitar esse processo de afastamento da tradição, segundo Seizer da Silva (2009, p.15):

A escola dos anciãos tradicionais é entendida como um fechar as fronteiras para não deixar as “coisas” ruins dos outros (não-índios) entrarem, mas, ao mesmo tempo, deixar um corredor que dá passagem da cultura da aldeia para a cultura do não-índio, entendida como menos ofensiva ao grupo receptor, e saudável aos que estão protegidos pelos limites geográficos, num etnocentrismo puro, de que apenas o meu posicionamento está correto.

Na escola Guilhermina da Silva, esse processo de trazer os mestres tradicionais para ocupar esses espaços dentro da escola vem ocorrendo nos últimos anos, compartilhar com os alunos experiências de sua vida tem ajudado eles a compreender da importância da valorização cultural, porque não basta “conscientizar”, tem que “sensibilizar” dizendo olha alunos ele esta aqui, mas daqui uns tempos ele faz a passagem (morre), e vocês não terão, mas o alicerce para nossas discussões na comunidade e escola.

Os mestres tradicionais são convidados pelos professores para determinados momentos, como a semana dos povos indígenas em Abril, e tem que ir a suas residências convida-los se possível por escrito porque para eles o papel com o nome deles os faz importantes e valorizados muitos guardam para comprovar sua importância para a comunidade escolar, e no dia combinado ir busca-los.

Penso que seja errado só convidar eles apenas na semana indígena, esse espaço deve ser deles todos os dias, essas lacunas que existem na escola será sempre preenchidas com eles é legítima a presença deles entre nós educadores.

Foto 05: Mestre Tradicional Elias Nimbú (*in memoriam*), compartilhando saberes com os alunos.



Fonte: Acervo da escola indígena, 2015.

As atividades desenvolvidas na escola da Aldeinha buscam ligar esses dois mundos que estão em constante conflito, à comunidade é um dos elos para a revitalização, das séries iniciais ao ensino fundamental o educador terena busca constantemente formas e/ou maneiras de “prender” a atenção e estimular os alunos, em diálogos com o professor de língua terena procurando buscar mecanismos como, por exemplo, grupos de redes sociais e WhatsApp onde todos os componentes do grupo troquem experiências e tirem suas dúvidas sobre a língua terena, onde nesse ambiente o professor específico estará “administrando” o grupo.

Fazer com que os jovens aprendam à Língua Terena e a exercitem em suas casas, com seus familiares, deixando assim de ser apenas uma “obrigação” escolar, como um componente curricular que pode resultar inclusive em reprovação.

O ensino oferecido pela escola da aldeia está buscando transpor barreiras e construir uma educação escolar indígena, que ofereça concepções e propostas com qualidade e talvez diferenciadas. A trajetória é de uma educação que incorpore e valorize a língua terena, os conhecimentos tradicionais, isto é, suas culturas. Os avanços são reais, mas os desafios ainda são muitos. (CRUZ, 2009, p. 141).

Os desafios são muitos, pois todos os educadores da língua indígena Terena têm relatado que diferente dos demais componentes curriculares, a maior dificuldade é a questão de material pedagógico e a pressão dela pode reter o aluno no ano em que cursa, onde a escola atende a dois tipos de alunos: indígenas e não indígenas.

[...] com esse conceito eu ficava meio assim como professora, como é que eu vou cobrar isso tudo é pelo professor que esta dentro da sala de aula se você ensinar errado eles vão reprovar, é uma língua muito difícil para a gente que já sabe principalmente a escrita, é muito difícil. Eu penso assim teria que rever esse caso de reprovação principalmente para a gente dar um norte para o professor onde é que nos vamos nos basear, o que é que nós vamos apresentar para essas crianças o que é que pode, porque Língua Portuguesa todas as disciplinas eles mandam material, vem certinho 1º bimestre vem você aplica para a criança, você vai passar para a criança aquilo e no final do bimestre eu quero ver o resultado do professor. E a gente não tem a ementa, pelo menos quando eu cheguei lá eu peguei alguns conteúdos que passaram pra mim lá, além desses conteúdos que eu peguei fui atrás de outros, eu tinha meu próprio material eu digitava meu próprio material diferente de línguas estrangeiras Inglês e Espanhol que já vinha tudo no livro. Ao meu ver tem que ser revisto isso pode ate ser reprovativo, mas tem que sentar e conversar com os professores na formação continuada o que vai cobrar o que não vai. (Professora Eunice¹⁰).

Outra educadora se dirige a uma forma de revitalização, usando a escola como base para a comunidade.

Até poderia ser dentro da escola, mas, como um projeto, uma disciplina fora da grade curricular. Eu acredito que a língua terena em si, como agente já estudou nessa especialização falaram em tanto de acabar com tudo, as pessoas dizem já são civilizados já acabou com tudo, já acabou a língua eu acho que ainda ela esta viva, cabe principalmente a família eu sou um caso [...] (Professora Dinayde)

Nesse processo de revitalização, a família Terena tem sido nossa ponte de ligação: escola/aluno e escola/comunidade. É nela que recorremos quando não temos respostas para todos os questionamentos, essa troca de conhecimentos tem reafirmado nossas tradições, que diariamente são traduzidas (BHABHA, 2013). Essa aproximação com a comunidade na Aldeinha tem sido de suma importância, já que a imagem da escola deixa de ser apenas um espaço de “aprendizagem ou conhecimento”, mas sim um espaço para a troca de culturas.

Com o passar dos anos, ainda se pede muito a presença da família nesse processo de revitalização, lento, mas que já progrediu muito se comparado com outras terras indígenas, e a busca incansável pela valorização e sensibilização pela Língua Indígena Terena nessa comunidade.

¹⁰ Eunice Almeida Moreira, não falante área de formação Pedagogia.

O conceito familiar do Terena é muito extenso, ele considera todos da aldeia como parentes; em alguns casos, até mesmo índios oriundos de outras aldeias ou de outras etnias. Essas situações acontecem pelo vínculo afetivo que estabelece com os outros, muitas vezes solidários pela própria situação em que vive (LIMA, 2008, pg.67).

Com o crescimento desordenado da população não indígena, e a cultura ao redor da comunidade Terena da Aldeinha, muitos costumes e tradições deixaram de ser praticados, sobretudo a Língua Terena. Essa aproximação da cultura indígena com a do não indígena, formando pessoas híbridas (HALL, 2013), foi o fator que mais contribuiu para o declínio da mesma.

Segundo Pereira (2011 p.15), a população indígena sobrevive sitiada por não indígenas, em um constante confronto cultural e que atualmente somente os mestres tradicionais são falantes da Língua Terena.

Sempre deixando bem claro para as crianças que a gente tem que falar nossa língua materna em qualquer lugar que for principalmente em nosso meio, esse era o objetivo é o principal ponto nas escolas. Em questão específica da Aldeinha vendo que a dificuldade que as crianças na época que eu dei aula, aquelas pessoas que dominavam a língua materna era pessoas de idade, anciões da comunidade muitas vezes poucos sabiam o escrever daí a dificuldade de transmitir a língua terena para a gurizada vamos dizer assim, os jovens as crianças indígenas dentro da comunidade local. (Professor Zanone¹¹)

Com os jovens foi detectado que muitos têm vergonha da Língua e da cultura, pois se sentem discriminados pela sociedade não indígena, o que agrava ainda mais o processo de desuso da língua. Em muitos casos, os pais já não são falantes e o que aprendem na escola, esquecem por não terem com quem praticar em casa.

Como processo, a identidade e a língua, são transformadas dependendo dos enfrentamentos pelos quais passa na realização cotidiana de sua própria história. Ou seja, uma coisa é como o Terena se identifica para si mesmo ou fala entre si, outra coisa é como ele se apresenta para o “branco” sua identidade e, nesta relação, utiliza esta ou aquela língua, portanto como, em diferentes situações, ele mobiliza diferencialmente estes ou aqueles qualificadores sobre si mesmo. (LADEIRA, 2000, p.06)

¹¹ Zanone Cristovão, falante da língua Terena, Professor de Matemática.

Hoje, muitos obstáculos na educação estão sendo transpostos com apoio governamental (entrega de uniformes, material e merenda escolar como prioridades), apesar de estarmos sempre presos aos “dispositivos reguladores” da nossa mantenedora, a SED/MS. Quanto à valorização da Linguística no ensino Terena, existem vários materiais didáticos elaborados por educadores indígenas para as crianças das séries iniciais, elaboradas por educadores indígenas ou mestres tradicionais, no Saberes Indígenas na Escola.

Com revitalização da língua indígena Terena ocorre a formação de grupos de estudos após as aulas de Língua Terena, para os jovens e crianças, comunidade e pessoas interessadas para que essa proposta torne-se realidade é preciso uma mobilização da liderança, da escola e da comunidade. A Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva atende alunos indígenas (Terena e Xavante) e não indígenas (Branços e Negros). Conforme relato abaixo, do Sr. Flávio:

[...] nós fizemos o projeto quando na época do Seu Elias e seu Felix foi cacique também os dois ex-caciques nós todos trabalhamos juntos, eu fazia parte da liderança e criou um projeto da escola indígena e nenhum dos dois quando foram cacique eles conseguiram desmembrar o projeto aí no ano de 2000 eu entrei de cacique na Aldeinha aí primeiro trabalho que a gente correu para a Aldeia, sobre a educação aí comecei ir pelos deputados, Governo do Estado, e Brasília Governo Federal, a gente conseguiu o projeto ser desmembrado e construir a escola que hoje é a Escola Guilhermina da Silva é uma escola indígena e vinculada ao estado e hoje estamos aí com uma escola muito uma escola voltada para o índio trabalhar professores e achamos que a educação é o principal para que desenvolve tanto a política e descobri sempre dos nossos direitos pela educação...no meu trabalho nos escolhemos cinco nomes e esses cinco nome é entregue pela liderança e a comunidade escolheu que foi o nome da Dona Joaquina...e escolha também da índia Guilhermina da Silva, desses cinco nome que saio...saio na votação o nome da Guilhermina e pelo nome da Guilhermina eu gostei muito porque ela foi uma mulher, uma índia fundadora da Aldeinha moradora muito tempo, muito antiga e ela era uma mulher muito espedozza que acolhia muitos patrícios que vinha de fora e ele era uma mulher muito, tinha muito consideração aqui na Aldeia então dessa forma que foi escolhido o nome dela para a escola Guilhermina da Silva, como antigamente tinha o nome da escola Umbelina Jorge era nome de uma índia também ficou o nome da escola da Aldeinha Guilhermina da Silva.(Flávio Pereira Martins¹²)

Em entrevista com a Professora Terena Sarita¹³ em sua residência fui recebida com muita alegria, pois a mesma foi minha professora no ensino médio regular em outra

¹² Flávio Pereira Martins, não falante da língua Terena, mestre tradicional e atual Cacique da Aldeinha.

¹³ Sarita de Oliveira Andrade, falante da língua Terena, Professora de Letras/Literatura.

escola não indígena. Essa visita me deixou muito emocionada, pois ao me receber ela fez uma oração por minha e minha família era recente o falecimento de meu irmão me deu forças e me incentivou a não desistir e me orientou a incentivar os jovens da comunidade a seguir o mesmo caminho por mim passado, esse momento que passei me fortaleceu ainda para ir á campo.

Registramos que ela foi a primeira diretora da Escola Indígena Guilhermina, que solicitou à SED a implantação da Língua Indígena Terena no currículo, pois ela via a necessidade de manter a cultura diante do fato de que a estrutura da escola foi construída em uma área urbana.

Dentro da Aldeia Aldeinha, pela imposição do lugar onde ela foi criada urbana, dentro de uma cidade então ela se sentiu sufocada pela sociedade dominante que é a Língua Portuguesa tanto é que os pais já não falavam, mas em Terena com os filhos a maioria deles só fala português não tem esse privilégio de aprender e ter como primeira língua a língua materna Terena então eu senti a necessidade de criar na grade a Língua Terena par que os pequenos nossos indígenas aprendessem ou viessem conhecer a língua materna, que era falado pelos seus avós, bisavós e ainda muitos naquela época vivos ainda, eu achei muito importante ali eu solicitei a SED que implantasse a língua Materna Terena na Guilhermina fiz esse pedido e foi inserido na grade escolar na língua terena na Guilhermina.(Professora Sarita)

Foto 06: Professora Sarita, primeira diretora da escola indígena da Aldeia Aldeinha.



Fonte: Acervo da autora, ano de 2015.

O indígena na escola e a língua Terena foi um dos primeiros passos dados pelos indígenas da Aldeinha na sociedade não indígena, com a “autorização” da SED, pois a mesma é amparada pela Resolução CEB nº 3, de 10 de Novembro de 1999 Artigo 2º - III: “O ensino ministrado nas línguas maternas das comunidades atendidas, como uma das formas de preservação da realidade sociolinguística de cada povo”. Para a implantação desse componente curricular, o passo seguinte seria inserir o Professor de Língua Materna no ambiente escolar, e que atendessem aos interesses da comunidade e estivessem de acordo com os métodos de ensino-aprendizagem.

Nós convidamos uma senhora falante da Aldeia chamada Célia ela era alguém da comunidade, mas, pelo fato dela não ter tido didática preparada para ministrar aula, ela era falante então nós a levamos lá pra dentro ela sentiu dificuldade na parte de passar teoricamente esse aprendizado o que ela tinha em relação á Língua Terena na pratica, mas ela não tinha a pedagogia, didática e metodologia então ela se sentiu incapaz ela pediu: Professora, eu não consigo eu falo mas eu não consigo. Ai ela agradeceu de coração esse fato dela ter se disposto ter aceitado mas ela se sentiu incapaz nesse sentido dentro de uma sala de aula você tem uma metodologia para estar ministrando, no começo em

relação á pratica á fala com os alunos ela deu uma produção e foi de grande importância para nos. (Professora Sarita)

Já Célia Francisco¹⁴, que foi a primeira professora de Língua Terena na Escola Indígena Guilhermina da Silva, à convite da direção e do cacique, relata que foi uma experiência boa, mas infelizmente teve que deixar porque era voluntária e não era remunerada. Ao assumir as aulas, seu objetivo era manter viva a língua na comunidade. Em nosso dialogo na casa de sua mãe uma mestre tradicional Célia me relatou que foi uma experiência que jamais ira esquecer, mas que se sentia triste por não poder ter continuado com as crianças, pois sua mãe falante sentia muito orgulho em ver sua filha caçula ajudando a comunidade da Aldeinha.

Foi a Sarita que me chamou, eu gostei sabe Évelin quando eu comecei a dar aula la, ai eu ah, você sabe aquela época so eu trabalhava então eu cuidava da minha casa ou dava aula. Então ai eu fui como voluntária eu não fui pra ganhar entendeu, como ela chamou conversou comigo eu falei ia dar uma ajuda, ai peguei e fui ai fiquei acho que foi um mês só que eu fiquei, mas ai eu não fiquei porque precisa trabalhar eu falei pra ela que não ia dar pra mim continuar mas assim pra escola que nem aqui uma aldeia né?Eu acho que a língua terena tem que ser preservada né, porque tem muita criança que vai, por exemplo, que vai sair daqui pra ir para uma outra aldeia chega essas crianças só fala em idioma ai a criancinha daqui da cidade da aldeia aqui ai vai pra la e não entende nada como eu já vi varias vezes pra falar assim como uma pessoa que mora aqui eu já vi e já ouvi também mas você não mora na aldeia? Você não sabe falar a nossa língua terena, ai falam não, ah que índio que você é que não sabe falar? (Célia 54 anos)

Foto 07: Célia foi a primeira colaboradora na Língua Terena na Aldeia Aldeinha, com sua mãe Mestre Tradicional Dirce Nimbú.

¹⁴ Célia Francisco, falante da língua Terena e moradora da Aldeinha.



Fonte: Acervo da autora, ano de 2016

Nesse período de escolarização da Aldeinha, a participação da comunidade sempre foi forte em buscar e acordar para a língua, como se ela estivesse lá no fundo adormecida em todos os Terena. A primeira tentativa teve grandes contribuições para os alunos, embora tenham enfrentado muitas dificuldades no começo, professores qualificados na Língua Materna, onde houve uma segunda tentativa na inserção de outro educador.

Eu trouxe uma professora uma estudiosa da Língua Terena, ela não é falante, mas é a segunda língua dela foi a Terena porque ela já foi criada na cidade, a primeira língua dela foi à portuguesa, mas ela sabia o Terena, e como nós fomos ensinados pelo nosso pai o valor e a importância da Língua Terena, da cultura na nossa vida como Terena ela fez esse estudo minucioso sobre a Língua Terena ai eu trouxe ela para a Guilhermina para estar ministrando essas aulas. (Professora Sarita)

Desde a fundação da Escola Indígena Guilhermina da Silva, passaram vários educadores no componente curricular Terena, cada um com seu método, sua marca, seu jeito Terena de passar conhecimento, com as crianças, jovens indígenas e não indígenas. Participou desse processo uma moradora falante chamada Célia Francisco, bem como os professores Dinayde, Zanone, Eunice e o atual professor Jessé.

Eu coloquei meu nome á disposição da escola e ai fui chamada para dar aula. Eu trabalhei três anos na Guilhermina. Bom era do 6º ao 8º ano eu trabalhava com imagens que na verdade era uma escola que tinha crianças que não falavam eram indígenas, mas não falavam, brancos os pessoal que estudava ali, então eu fiz mais ou menos assim como ensinar uma língua que não era língua materna deles, eu ate explicava para eles, porque a língua materna deles não era a língua terena era a língua portuguesa então na verdade a língua terena seria uma outra segunda língua. Mesmo que os pais e os avos falassem eles não tinham essa a Língua Terena como a materna. E do 1º ao 5º eu trabalhava vocabulário imagens pra criançadinha pequena principalmente para o 1º e 2º ano ensinei os cumprimentos em Terena, fiz uma musiquinha pra eles agente cantava, cumprimentava, e depois fui ensinando números, animais depois juntava as palavras então um gato, dois gatos assim e foi assim como o resto do vocabulário, as cores uma frase: um cachorro preto. Numero animal e a cor, então vinha e cada vez mais aumentando o vocabulário. E dentro das atividades juntava tudo em termo de tradição todo o vocabulário que eles tinham vendo e formando frase ai eu dava um texto pequeno que eles faziam a tradução. (Professora Dinayde)

Tive que visitar o Professor Zanone, este ministrava aulas no ano em que fui aluna da Guilhermina, no período noturno, foi uma conversa agradável no meio de uma plantação de quiabos a qual ajudei a colher para um delicioso almoço em seguida. Em sua fala ele relata que a grande dificuldade no começo das aulas foi para achara a “mão de obra qualificada”, a Aldeinha teve que trazer um educador da língua indígena Terena da retomada Mãe Terra T. Indígena Cachoerinha Município de Miranda, MS.

Teve essa dificuldade no início mais depois veio à mão de obra qualificada professores, vieram os professores se qualificando formando na área de licenciatura primeira área era magistério, quem já tinha podia dar aula e hoje nos temos vários licenciados e profissionais habilitados na comunidade, então essa dificuldade que teve no começo de não escrever a língua já foi alias não é uma questão de barreira porque hoje já, agente no sistema que está inserido já dispõe de tecnologias: computador, celular e aplicativos, a gente hoje tem as ferramentas fundamentais para estar se comunicando e preservando mais a nossa língua. (Professor Zanone)

Outro fator relatado entre os educadores foi o fato de a Aldeinha ter uma escola urbana que atendia alunos não indígenas, pois a seu ver isso causava certa dificuldade com o ensino e aprendizagem da língua. E a falta de interesse dos próprios indígenas pela aprendizagem da Língua Indígena Terena.

Tinha uns alunos era assim meio a meio, na realidade na escola tem vários tipos de crianças de adolescentes eu acho que não era só na

minha aula a falta de interesse de alguns, mas eles tinham bastante dificuldade por ser uma outra língua, tinha umas outras crianças que já vinham com esse pré-conhecimento já por conta da família, maior dificuldade assim era aqueles que não tinham uma noção do porquê daquele conteúdo lá daquela matéria aí agente tinha que explicar todo o processo por ser uma escola indígena teria que inserir mas a dificuldade é mais isso, alguns na questão de pronunciar achavam muita dificuldade em relação a isso, alguns achavam dificuldade outras não. (Professora Eunice)

Com cuidados a oralidade é trabalhada na escola, e o que mais me surpreende é o interesse dos não indígenas pela Língua Indígena Terena, como despertar o amor, dos nossos alunos indígenas pelo Terena, se ensinar “a” língua ou “na” língua Terena buscar aperfeiçoar no estudo da mesma para estar preparado para atender os alunos.

A metodologia nossa é trabalhar mais a questão da oralidade as palavras, desde as séries iniciais o alfabeto terena só a pronúncia correta deles, tanto na escrita como na oralidade e ensinar eles a pronunciar corretamente as palavras básicas voltadas na língua terena mesmo. Grande parte dos nossos alunos são alunos purutuye a nossa escola é localizada na aldeia, mas no perímetro urbano da parte dos nossos alunos indígenas é pouco a questão deles aprender a língua muitos deles se intimidam pelo fato da aldeia estar na cidade aí eles ficam meio com vergonha de querer aprender embora “outros” assim já sentem vontade de falar porque vê os pais os avós falam terena ele já não entende e nem falam a língua terena aí eles buscam aperfeiçoar mais e querer falar a língua terena. (Professor Jessé¹⁵)

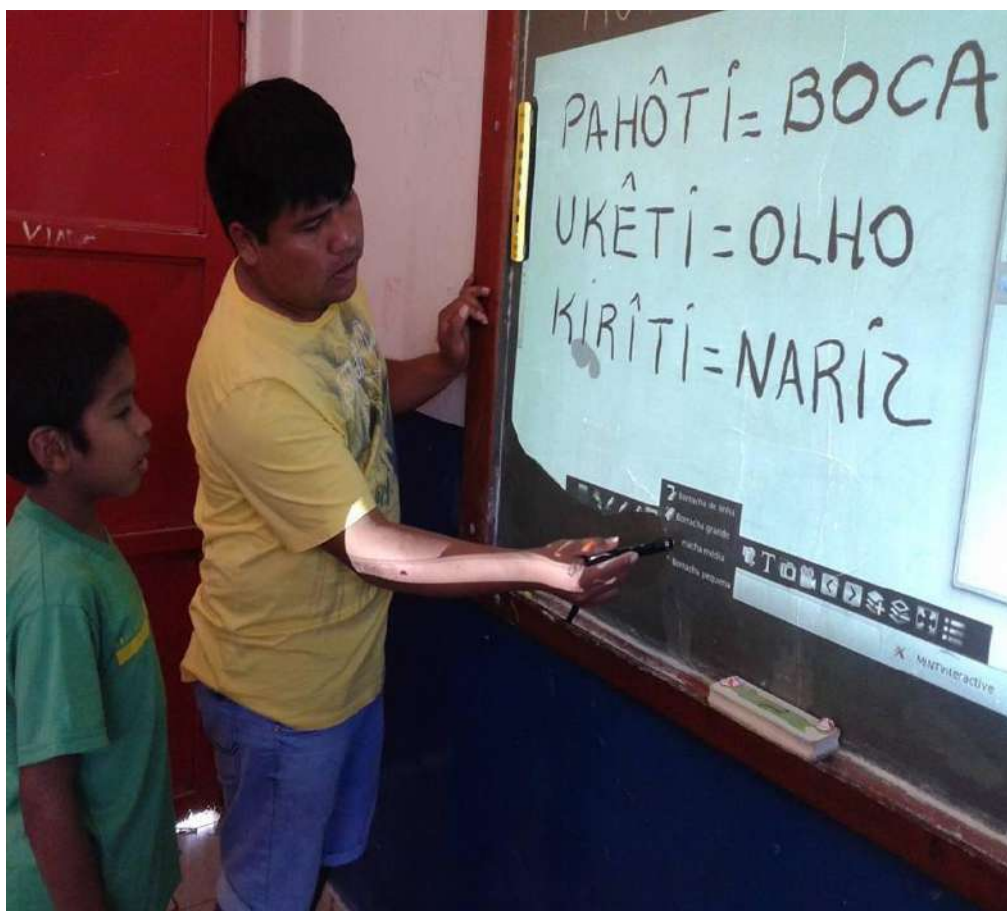
Atualmente o Professor Jessé, pertencente à comunidade indígena da Aldeinha, está ministrando aulas de Terena, foi-lhe dada oportunidade, convidado pelas lideranças, a fazer parte do quadro de Professores, onde ele, não diferente da minha trajetória, saiu aluno da Guilhermina e retorna como professor, e se sente muito honrado porque voltar à escola de origem é uma forma de fortalecer a comunidade.

Acredito que o Professor de língua Terena, tem contribuído gradativamente na comunidade, seu carisma e proximidade com os jovens da comunidade e com os alunos diminuí esse distanciamento entre eles e a língua. Uma tarefa que foi dada a ele e que tem respondido muito bem, ser “jovem” e falante em nossa comunidade não é como porque isso só era possível aos mestres tradicionais.

¹⁵ Jessé Joel Nimbú, falante da língua Terena, Professor da língua Terena na E.E.I. Guilhermina da Silva.

[...] eu recebi o convite do cacique Eneias para estar atuando nesse componente curricular na Aldeinha também da Professora Dóris Paulo, e agente domina sabe falar, meus pais falam, meu avô e a professora Dóris sempre observou e viu isso ai, surgiu essa vaga na escola onde eu aceitei, antes sempre trazia professores de fora ela que tem um falante na comunidade. Nos temos alunos que consegui-o pegar bem a questão de palavras que se usa diariamente pequenos diálogos, cores, animais as frutas memorizaram bem e guardam ate hoje. Eu vejo a língua terena para nos que somos terena, a nossa identidade está na língua materna se a gente souber falar a língua terena muito nos gratifica, eu considero ela com disciplina importante e principal no fato da escola ser uma indígena, a gente luta para a língua terena venha progredir mais no ensino dela, na escola para que ela possa ser uma disciplina respeitada assim como as outras tem grande valor na escola indígena.(Professor Jessé)

Foto 08: Professor Jessé, ministrando aulas para o 1º ano na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva.



Fonte: Acervo da autora, ano de 2016.

2.1 - A inserção do componente Curricular Língua Terena no Projeto Pedagógico Indígena (PPI) da E.E.I. Guilhermina da Silva

O processo de inserção da Língua Indígena Terena ocorreu no mandato do cacique Flávio, onde o mesmo exerceu seu mandato por oito anos consecutivos (2000-2008) como liderança na Aldeinha. Por ser uma escola diferenciada, ela enxergou a necessidade da escola esta oferecendo essas aulas para a comunidade indígena e não indígena.

Primeiramente a gente reuniu as lideranças e falamos sobre a língua materna e depois que nós fizemos essa reunião e chamemo a comunidade, depois os professores e que foi inserida a língua materna dentro da escola é uma prioridade fundamental isso ai, e ate hoje vem funcionando, a SED não teve resistência porque a implantação da escola foi diferenciada como uma escola indígena então ela tinha que falar a língua materna. Eu acho que a valorização é nois não perde a nossa língua é a nossa cultura temo que falar a nossa língua essa juventude tem que aprender valorizar a sua etnia tem grande valor no nosso Brasil é a nossa cultura e a nossa língua sabe, temos que valorizar nosso povo uma nação brasileira que é o índio Terena. (Flávio Pereira Martins).

As idas a campo estavam fluindo cada vez mais, em visita a Professora Dóris todas suas netas e seus filhos sentaram em volta para ouvir seu depoimento sobre a escola e a neta caçulinha permaneceu no colo dela o tempo inteiro, foi um momento muito importante pois haviam três gerações da família Paulo de mulheres, ali naquele momento. Após reunião com lideranças, comunidade e professores indígenas, após muita “luta” montando documentos, indo por várias vezes à capital para a aceitação desse novo componente curricular da escola da Aldeinha.

Assim nós corremos, nós buscamos juntamente eu não me esqueço eu juntamente com a coordenadora Jussara também que faz parte da comunidade a gente viu essa necessidade, e nós corremos juntamente com a liderança á SED procurar um meio de como estar inserindo a língua materna no nosso currículo escolar. Eu falo assim [...] foi com muita luta, porque você sabe nossa escola nós atendemos duas clientelas a não índia e a indígena que são daqui da nossa comunidade então por causa disso eu acho a liderança ou até mesmo o SED, não se importou com isso uma escola indígena que tem essa clientela, mas nós indígenas uma escola diferenciada, nós lutamos junto com a liderança que naquele tempo era seu Flávio nós corremos muitos, nós corremos nas outras

aldeias, pedindo auxílio uma contribuição de outras lideranças e outros professores onde nos apoiaram. (Coordenadora Dóris¹⁶)

Educação infantil e o ensino fundamental foram contemplados com a língua indígena Terena, a primeira “luta” foi à implantação da mesma, mas quem iria ministrar essas aulas já que a Aldeinha é uma Aldeia Urbana e seus professores não são falantes, onde apenas os falantes são apenas os “mestres tradicionais”?

Eu até esqueci-me de pontuar algumas coisas principalmente no ensinar, nós tivemos a dificuldade de não ser professores falante até isso nós tivemos dificuldade onde que nós corremos atrás de uma pessoa para estar ensinando a língua terena, uma professora que veio de outra aldeia para ficar nos apoiando e graças a deus um professor daqui mesmo um aluno que era da escola, hoje ele já esta se formando ele teve muito interesse, graças a deus ele está lutando para iniciar a língua materna na escola, então hoje eu vejo assim que foi necessidade foi, foi dificultoso foi, mas hoje nós vimos que através do professor tem conquistado os não indígenas também, que eles hoje tem interesse em participar é de estudar essa matéria, e nos falta conquistar isso no EJA á noite porque nós temos alunos indígenas e não indígenas, iniciamos primeiramente só com as series iniciais do 1º ao 5º ano e do 6º ao 9º ano, mas nós esperamos conquistar mais espaço, com muita luta eu sei que a gente vai conseguir[...] (Coordenadora Dóris)

Foto 09: Professora Dóris com as alunas da Educação Infantil.



Fonte: Acervo pessoal, Dóris Paulo, 2016.

¹⁶ Dóris Paulo Ortiz, não falante da língua Terena, Coordenadora Pedagógica.

Nasceu do coletivo dos professores a decisão, é mais respeitada através do contexto da comunidade, pelo grupo é fundamental as decisões tem que nascer do professor de se posicionar em relação á língua Terena ser incluída de fato na escola. Ocorreram dificuldades no início devido à falta de professor falante na língua, mas pela ordem estava implantado o componente curricular, o professor já estava atuando, mas onde se encaixaria as aulas de Língua Indígena Terena? De qual componente curricular ia cair uma hora/aula? Novamente o grupo de professores em comum acordo aceitou a proposta de ceder 10 minutos de cada aula para ser criado um 6º tempo, começava ali uma nova “luta” para a permanência das aulas de Língua Indígena Terena.

Em 2009, matriz curricular já tinha, primeiro veio uma nova matriz exigia a devolução da aula, no qual estava inserida a Língua Terena de outra disciplina, e que não se admitiu que fosse tirada de Português ou Matemática. Reunião feita com todos os docentes da época, e foi sugerido pelo professor Gedeão, e aceita por todos, ceder 10 minutos de cada tempo para inserir na Língua Terena. 2012 veio problema que tínhamos por causa do 6º tempo, que era destinado a Língua Terena e veio à orientação para arrumar a matriz curricular, essa orientação veio em novembro porque dela caiu à aula de Inglês. Nesta reunião foi feita com a Benizeth (Supervisora), Cacique Enéias, Reinaldo, Eduardo, Jussara, Jessé. Resolução nº 03 de 2002, que “substituíra” pela nº 05 de 2012. Antes da reunião de 2012, foi dialogado via telefone pela supervisora de educação de Anastácio da rede estadual, sobre como ocorreu a 6ª aula de Língua Terena, quando num momento a mesma disse que poderia sofrer processo pelos dois lados um de tirar e outro por colocar a Língua Terena, pois a lei de nº 03 de 2012 era “mais velha” que a escola que é de 2005. (Coordenadora Jussara¹⁷)

¹⁷ Jussara Dias Nimbú, não falante da língua Terena, Coordenadora Pedagógica.

Foto 10: Professora Jussara escrevendo os fatos.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Durante minha ida á campo, na casa da Coordenadora Jussara, houve uma certa “resistência” mas não ao falar comigo sobre a pesquisa mas sim uma rejeição ao gravar a sua fala ao celular, tive que deixar guardado na minha mochila mas antes ela se certificou de que o dispositivo para gravar áudio não estava ligado, ela é uma das professoras do quadro atual da escola Guilhermina bem “estilo” Terena, reservada e desconfiada.

Mesmo com o risco de sofrer um processo administrativo “via telefone” a Coordenadora Jussara continuou firme com os professores e lideranças naquela mesma reunião e ainda questionou a supervisora de ser “falha” porque a escola funcionava há anos com o 6º tempo e nunca foi informada pelo meio da mesma que esse procedimento da escola estaria irregular então se houve falha da escola automaticamente houve falha dela enquanto supervisora da SED, e que ela também estava sujeita a sofrer o mesmo processo administrativo.

Hoje a escola acompanha o crescimento da comunidade onde o Povo Terena tem que estar atuando na escola pai, mãe, filhos usar o espaço legitimamente de autonomia onde devemos estar presentes diariamente e a presença da escola centralizada na comunidade traz uma segurança.

Muito importante à preoridade hoje na aldeia, Aldeia Aldeinha o principal foi à escola por que a escola? Porque é onde nos descobrimos todos os nossos direitos ononimos, direitos políticos aonde que vem abrir as cabeças é da comunidade é através da educação em primeiro lugar é a educação. Não sou falante falo alguma coisa ne, mas compreendo alguma coisa, esse é o principal dela ela tinha que ter o começo, esses diaszinho eu estava conversando com o professor Jessé que tinha que fazer uma licenciatura desde o pré do principio dos alunos do 1º ano pra eles entender a língua materna começar lá de baixo até chegar no Ensino Médio muito boa.(Flávio Pereira Martins-SIC)

Foto 11: Projeto da “Escola Estadual Guilhermina da Silva ,,,nas mãos do então Cacique Flávio Pereira Martins”.



Fonte: Acervo de Mirian Campos Pereira, 2004.

Desde a criação da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, passaram os seguintes intelectuais pelo componente curricular: Célia Francisco, Dinayde Jorge de Oliveira, Zanone Cristovão, Eunice de Almeida e o atual Jessé Joel.

Depois dessas “lutas” hoje as aulas ocorrem normalmente na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva, com um professor falante, com seu tempo regular nos horários de cada Ano, e com o EJA indígena os adultos também serão contemplados com a língua Terena, onde indígenas e não indígenas compartilham do mesmo momento da Língua e cultura Indígena Terena.

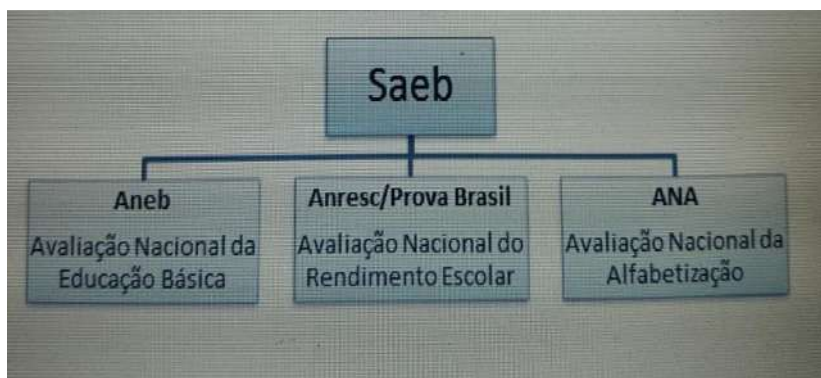
2.2 Os meios, os fins e os resultados das Avaliações Externas: Para quem e para quê?

A Educação Escolar Indígena é amparada pela Constituição Federal de 1988, Referencial Curricular Nacional de 1998, na resolução nº 5, de 17 de Dezembro de 2009, bem como nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, na Resolução de Julho de 2010, Educação Básica de Dezembro de 2010 para o ensino Fundamental de nove anos, apesar dessas leis as escolas indígenas tem sido monitoradas e cobradas pela SED a se encaixarem nesse modelo tradicional de avaliação das escolas não indígenas.

A escola indígena Guilhermina é submetida às avaliações: Provinha Brasil (realizada a cada dois anos idealizada pelo MEC para produzir dados sobre a qualidade de ensino oferecido pelo município para auxiliar o governo sobre a distribuição de recurso técnica e financeira), Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais abrange de maneira amostral alunos das redes publicas e privadas do país em áreas urbanas e rurais, regularmente matriculados na 4º ano/5º ano e 8ºano/9ºano (INEP) e Indicador de Desenvolvimento de Educação Básica indicador de metas a serem alcançadas gradualmente pelas redes publicas de ensino (IDEB), pelo sistema porque é obrigatória, os pais devem acompanhar a vida escolar dos filhos para que seja obtido um “nota” boa perante a avaliação do sistema. Visitar a escola sempre não só quando são convocados pela direção, existir um dialogo com os professores, conversar com seus filhos diariamente sobre os componentes curricular e suas “notas”, e dar sua opinião.

O Saeb é composto por três avaliações externas em larga escala:

Figura 01: Demonstrativo da Avaliação do Saeb.



Fonte: INEP/IDEB pesquisa de campo (2016).

São executas na educação infantil e ensino fundamental, essa avaliação dificulta ainda mais o ensino do aluno indígena, pois é necessário incentivar eles a continuar estudando mostrando que quanto mais eles estudarem, terão mais oportunidade profissional e pessoal dentro de suas comunidades, concluído o ensino médio e ingressando no ensino superior. Avançar nos estudos depende do que a criança e o jovem aprendem na sala de aula, e também de estudar em casa medidas simples ajudam nessa melhora como: incentivar a leitura seja de um livro que fale do contexto histórico dos povos indígenas.

E quando não é alcançada uma boa nota esperada nessas “avaliações” os pais cobram, o sistema cobra, por que são atendidas todas as necessidades dos alunos, porque a educação pública é de responsabilidade de todas as prefeituras, governo e da sociedade.

O Índice de Desenvolvimento da Educação básica (IDEB) é uma nota que mostra se os alunos estão aprendendo o que tem de aprender na idade certa. A partir dessa nota é que sabemos se a escola está “ensinando”, e onde os pais poderão saber se ela está bem e como pode ser melhorada. Mas qual seria o “ensino correto” para as escolas indígenas mediante esses dispositivos detentores a qual fomos incorporados?

A única maneira seria “driblar” o sistema, porque nossos alunos não estão preparados culturalmente para essa “maratona específica” com dia e hora marcada, ficar ensalado por horas com um professor “desconhecido”, pois somos avaliados constantemente pelo sistema de avaliações eles ainda não se encaixam com essa realidade, apesar do Terena ter uma grande dificuldade com a escrita e fala na Língua Portuguesa ainda resistimos ao sistema, até chegar o momento em que os malotes voltaram lacrados à nossa mantenedora.

Com o fortalecimento do movimento indígena dos professores de Mato Grosso do Sul, e a qualificação dos mesmos que voltam para suas comunidades, esse sistema de avaliação começou a ser questionado nas comunidades indígenas, um exemplo bem próximo na T.I Buriti Escola Indígena Alexina Rosa Figueiredo. Na escola indígena Guilhermina a mesma passa por esses processos avaliativos desde o ano de 2008, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), PROVINHA BRASIL e Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), já foram questionados em reunião com as coordenadoras pedagógicas, surgindo assim uma “rejeição”.

Com a realização da Provinha Brasil na escola, começaram também algumas indagações dos professores indígenas Terenas, ou seja, do corpo docente da escola, sobre quais são os motivos da aplicação desta prova nas escolas indígenas, porque os professores indígenas não podem participar da aplicação das provas. Esse fato levanta suspeita de que como as provas não foram pensadas sob os princípios da cultura indígena, por isso não seria permitido o envolvimento dos professores indígenas em seu processo de aplicação. (FARIAS, 2015, p.75)

Essas indagações para as coordenadoras foram ficando frequentes como nos preparar para algo que não foi elaborado por nós? Como vamos ajudar os alunos se o conteúdo dessas avaliações não são construídas conforme nossa realidade? Aceitar de “goela” a baixo? Já que se têm professores específicos para a aplicação dessa prova, fica a “impressão” que o professor indígena regente não seria “capacitado” para executar a aplicação da mesma causando um incomodo para os alunos.

A Escola Indígena Alexina Rosa Figueiredo proporcionou um sistema de seminário com sua equipe, para melhor compreender esta avaliação, pois sabiam que para esta escola seriam ainda mais complicadas, a começar pelos enunciados, que por sua vez não trazem nada da realidade e cultura do povo indígena, as crianças confundem e não aceita outro aplicador, o mesmo deve ter aceitação, conhecer esta cultura, para a criança convive o período todo com o professor indígena e quando chega a prova, se deparam com pessoas totalmente fora do seu contexto, com isso ocorre o conflito. (ALVES, 2016, p.100)

O aluno indígena Terena tem seu modo de assimilar cada situação, um professor “estranho” presente na escola e comunidade desperta a “desconfiança” nos mesmos, se fechando e não realizando nenhum diálogo com o “intruso” no seu espaço. Um choque cultural que eles não vão aceitar onde os resultados esperados não são alcançados diante do sistema, aonde deve se repensar a forma de aplicação da mesma.

Quando tomamos posição contrária á esse sistema que não se adequa a realidade dos alunos, a escola começa a ser vista com outros “olhos” pelo governo, em especial, a mantenedora ir contra o “sistema não é bom”. Acontecem as criticas, e a generalização de que a educação escolar indígena da Guilhermina é inferior como as demais. Como eu mesma já ouvi “Guilhermina é escola de índio, nem precisa ir à aula que você passa...”, mas estamos “lutando” por melhorias as quais os purutuye não fazem ideia.

Em uma análise sobre a nota alcançada pelos alunos da escola Guilhermina no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), a avaliação para o 8ª ano/9º ano não existe nenhum resultado a ser divulgado porque não atinge o numero suficiente

regularmente matriculados para a aplicação da mesma. Devido ao espaço físico da escola que não atende as normalidades do tamanho padrão de uma sala de aula.

Figura 02: Demonstrativo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva.



Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado>. Acessado em 22 de Junho de 2016.

Em relação ao crescimento na meta do IDEB observado a escola Guilhermina tem apontado um crescimento razoável nas ultimas aplicações, (**2011 nota: 3.9/ 2013 nota: 3.9/ 2015 nota: 4.3**) correspondendo a expectativa esperada pelo MEC no de 2014.

Figura 03: Demonstrativo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva.

The screenshot shows a table with the following data:

Escola *	IDEB Observado						Metas Propostas							
	2005 *	2007 *	2009 *	2011 *	2013 *	2015 *	2007 *	2009 *	2011 *	2013 *	2015 *	2017 *	2019 *	2021 *
EE INDIGENA GUILHERMINA DA SILVA	2,9	2,6	3,9	3,9	4,3	3,0	3,3	3,7	4,0	4,3	4,6	4,9	5,2	

Fonte: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado>. Acessado em 22 de Junho de 2016.

Com isso a resistência aumenta na escola Guilhermina, pelos professores indígenas Terena optam para a não realização dessas avaliações (o quadro agrega professores não indígenas), legitimando a identidade indígena e cultural. “Desconstruir” essa forma de ensino aprendizagem do não indígena que nos foi imposto é um processo lento e doloroso não somente passado pelos alunos, mas também pelos educadores, o fato de negar essa avaliação foi o primeiro passo para a “desconstrução”. Segundo Canclini (2003):

Cada escola passa a possuir a identidade da sua comunidade, ou seja, a identidade é algo inquestionável, mas como ao mesmo tempo tem-se a memória do que foi perdido e reconquistado, são celebrados e protegidos os signos que o evocam. (p.191)

Com isso os professores indígenas Terena, reafirmam a autonomia para exercerem suas funções de acordo com as especificidades da comunidade e escola. Valorizando os saberes tradicionais de seus mestres tradicionais, assim bem como estimulam o protagonismo do professor no qual tem que ser contínuo sem espaço, dando ênfase para a comunidade estar participando de todas as atividades, pois, escola e comunidade estão entrelaçadas.

Valorizando os saberes tradicionais de seus mestres trazendo eles para a escola em todas as ocasiões, assim bem como estimulam o protagonismo do professor no qual tem que ser contínuo sem espaço, dando ênfase para a comunidade estar participando de todas as atividades, pois, escola e comunidade estão entrelaçadas.

CAPÍTULO III

CONTRIBUIÇÕES PRA A REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA TERENA

A componente curricular Língua Indígena Terena tem ajudado os jovens da comunidade a exercitarem entre eles pequenos diálogos, além das aulas no campo de futebol, com seus parentes que apesar de residirem longe não se esqueceram de sua cultura.

As contribuições para a revitalização dessa segunda “estudiosa da língua materna” (Professora Dinayde) também foram de suma importância. A comunidade já sentia o desenvolver das crianças em casa, os pais relatavam na escola a importância dessas aulas em relação à preservação e continuidade da língua para com seus filhos.

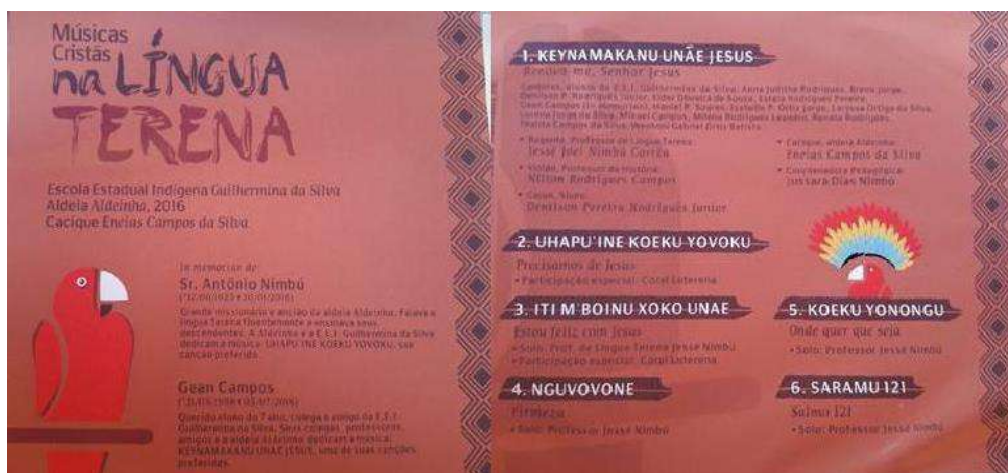
[...] às aulas foi um sucesso ali, porque eu falo que foi um sucesso, por que tivemos relatos de pais que estavam arrumando o café da manhã colocaram seus filhinhos na mesa, e ela foi no quarto se trocar e lá no seu quarto escutando aquela língua diferente quem que está falando diferente na minha casa? O que eu estou escutando? Ela rápido saiu e os filhinhos conversando entre eles na língua terena então para ela assim foi uma surpresa muito grande, a capacidade que os filhos tiveram a capacidade de assimilar a Língua Terena então para nós isso daí foi motivo de orgulho, de ter tido um bom resultado saber que aqueles alunos que tiveram aula com essa professora eles adquiriram assimilaram, as primeiras palavras frutas, cores, os cumprimentos aquilo que é básico para alguém se comunicar na Língua Terena então pra nós aqueles momentos que ali tivemos foi muito bom, mas aí a professora não teve mas a possibilidade de estar conosco, por motivos de saúde mas, os primeiros que participaram tiveram um grande aprendizado ali, como profissional como professora isso é muito importante eu amei demais o tempo que estive ali em relação ao tempo que nós tivemos dentro da Guilhermina. (Professora Sarita)

Para uma comunidade indígena urbana tinha sido uma vitória a “luta” por uma escola diferenciada, por uma educação diferenciada, obtendo assim grandes resultados. O indígena estava reconquistando o seu espaço originário. E a história da escola está também ligada à história do povoamento local. A comunidade indígena se posicionou diante da dificuldade que as crianças enfrentavam na escola fora da Aldeia.

Cada contexto de um lugar varia muito, muda muito em relação à Aldeinha eu lembro que quando se criou aquela escola Guilhermina dentro da comunidade foi um imenso avanço assim a comunidade teve espaço de estar ministrando aula de Língua Terena para as crianças indígenas e também atendendo a população não indígena porque estão inseridos no contexto mas o que foi importante em relação as crianças foi muito importante. Então a escola veio na verdade veio a acordar aquela língua que estava lá esquecida lá atrás, não digo resgatar mas acordar o que estava esquecido lá no canto, e torna isso assim na medida do possível falar de novo na comunidade, então a escola tem esse papel fundamental na educação, educar as crianças na sua língua materna tanto no português onde se fala nas escolas nas aldeias a questão de multilíngue são mais de três línguas uma estrangeira, então e um dos focos principais que teve avanço quando foi criado as primeiras escolas nas áreas indígenas que foi construído, a Aldeinha foi uma das primeiras aí em outras aldeias foi se construindo a estrutura também, mas isso não quis dizer que o índio não avançou deixando a língua materna. (Professor Zanone)

E o que mais me surpreende é o interesse dos não indígenas pela “Nova Língua”, há relatos dos alunos onde essa afirmação existe, em determinadas ocasiões eles conseguem se expressar, falar que nem muito Terena ali da comunidade. Em outras situações “os indígenas” levam a sério e outros levam na brincadeira, nas igrejas cristãs eles cantam na Língua. Hoje, na Aldeinha, além da escola, a igreja tem ajudado nesse fortalecimento da língua, e muitos hinos são cantados em Terena.

Foto 12: CD de Músicas Cristãs, cantadas pelos alunos da E.E.I.Guilhermina.



Fonte: Jessé Joel, 2016.

Com relação ao projeto do CD, ele nasceu já no intuito da gente ministrar as aulas de língua Terena aí logicamente começou com o 1º aninho esse projeto de musica agente ensinando as criancinhas do 1º ano uma pequena canção a gente ensinou eles a cantar apresentaram foi

numa semana indígena aqui na escola ai os alunos já de 6º ao 9º ano viram e já e ouve um despertar deles e questionar porque que a gente não aprende a cantar uma musica? Questionaram porque viram aquilo refletiu, o 1º aninho cantando aquilo ali, e isso houve também um posicionamento deles para cantar a língua e hinos em língua Terena também, agente ministrando as aulas ai de repente surge uma pesquisadora que trabalha em cima da musicalidade [...] (Professor Jessé)

A pesquisadora, purutuye, Isabel Blum chegou a comunidade e pediu autorização para as lideranças para desenvolver a pesquisa intitulada “A hibridação na música cristã da Aldeia Aldeinha - Músicas protestantes na língua de origem Aruak” pela Universidade Federal de Goiás, sobe orientação da Prof. e Dr. Fernanda Albernaz (antropóloga).

A instituição não autorizou a fazer no nome da mesma, pois eles teriam receio da comunidade não gostar, a concretização desse CD só foi possível porque Isabel usou de recurso financeiro próprio, como ela mesma disse: “*mas fui teimosa e fiz mesmo assim*”. Foi para a comunidade que fez. Sonhou junto com os alunos da Escola Guilhermina, foi um presente para a Aldeia.

O CD é composto por seis faixas: 1. *Keynamakanu Unãe Jesus* (Renova-me Senhor Jesus), 2. *Uhapu'ine Koeku Yovoku* (Precisamos de Jesus), 3. *Nguvovone* (Firmeza), 5. *Koeku Yonongu* (Onde quer que seja), 6. *Saramu 121*(Salmo 121). Cantores alunos da E.E.I. Guilhermina da Silva, regente professor de Lingua Terena Jessé, Violão Professor Nilton Campos, Canjon aluno Denilson Pereira e Coordenadora Pedagógica Jussara Dias Nimbú.

O lançamento desse CD, ocorreu no mês de Dezembro na Aldeinha e teve um acolhimento da comunidade indígena, o Professor Jessé juntamente com os alunos já sonham com o Volume 2 das Musicas Cristãs mas buscam parcerias de instituições para que isso aconteça, eu enquanto indígena e pesquisadora sugeri cantigas infantis para atender as series iniciais pois nasceu deles e nada mas justo que um volume destinado aa esse publico.

Partiu da iniciativa dos alunos da aula de língua Terena, era para ser apenas um coral das series iniciais, mas não foi suficiente para eles ter o meio deles serem anunciados pelo meio da canção mostrar que eles estavam participando das aulas de língua Terena.

E para incentivar esses alunos da escola Guilhermina os professores formaram um coral para passar pra essas crianças músicas cantadas na

língua Terena e também no português essa junção faz ai à massificação dos alunos. Para os jovens a gente tem que incentivar um pouco da história do nosso povo é ao longo dos séculos ai silenciado, calado então nada mais justo porque um povo sem sua cultura, sem sua língua não tem uma identidade própria ne, por conta dessa colonização dessa miscigenação, no território brasileiro mas pra nos indígenas nos temos que buscar essas nossas tradições resgatar trazer de volta a principio a língua materna é que nos vai deixar um legado[...] (Professor Reinaldo Rohdt¹⁸)

Pequenos diálogos, cores, numerais, animais pronunciados em Terena, ainda resistem ao “desuso” da língua, processo lento que a comunidade passa e tenta reverter me acredito que daqui algumas décadas não existirão falantes em minha comunidade, para que isso não aconteça unir: família, religião, escola e comunidade seria uma forma de retardar esse fato.

A escola tem colocado esse assunto com mais frequência nas reuniões com os professores e coordenadores pedagógicos, assunto que antes era sufocado pela imposição de que se aprender a “língua portuguesa” seria mais viável para as crianças da comunidade da Aldeinha, o acordar para a língua Terena começou pela iniciativa da escola já que a comunidade já estava mais conformada com a situação.

Portanto, com essas ações da escola, a comunidade teve que caminhar junto, não deixando apenas a reponsabilidade da revitalização da língua apenas para os professores ou apenas para o “professor”. O despertar da comunidade não foi tardio, mas esse processo tem sido de forma lenta, pois diariamente os conflitos de cultura e resistência têm sido frequentes, mas com nossas bases “crianças das series iniciais” temos obtidos grandes avanços em relação á língua Terena.

[...] eu queria deixar um alerta para nossos jovens, a juventude para que eles possam se esforçar mais na disciplina língua terena que considera uma riqueza do povo terena, foi uma conquista nossa de incluir isso na grade curricular da escola e nos devemos retribuir no sentido de buscar aperfeiçoar mais na linguagem terena ter interesse em participar das aulas, essa mensagem para nosso alunos se interagir mais, uma grande arma do terena é saber falar o idioma (Professor Jessé)

¹⁸ Reinaldo Rohdt Paulo, não falante da língua Terena, Professor de História.

Foto 13: Jovens da comunidade, na Aldeia Aldeinha.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

3.1 Egressos e Ingressos: A importância do componente curricular Língua Terena como valorização identitária nos espaços comunitários

Nesse item eu me encaixo com egressa foi aluna no ano de 2007 na Escola Estadual Indígena Guilhermina da Silva e fiz o componente curricular língua Terena, daí nasceu o tema do meu Trabalho de conclusão de curso na Geografia/UFMS. Meu pai falante da língua Terena e meu avô materno falante da língua Xavante e eu não consegui aprender nenhuma das duas línguas. Minha avó materna fala um guarani perfeito e ela queria ensinar minha mãe e meus tios, mas meu avô não permitiu, em um segundo momento aconteceu o inverso, aí quem não deixou foi minha avó.

Não convivi com meu pai, pois houve a separação bem antes de eu nascer, fica um sentimento de impotência, frustração, tristeza, eu hoje poderia ser trilingue. Já presenciei vários momentos com alguns parentes que se calavam na frente dos não indígenas com vergonha ou medo de sofrer consequências pelo fato de ser falante acho isso muito triste muitos deles são abençoados por falar a nossa “língua materna/Terena”.

Sobre minha experiência enquanto aluna sempre o básico e apenas com pouco tempo de aulas, falantes na língua Terena apenas do lado da família do meu pai. E hoje entendo mais do que falo sobre a língua nas idas e vindas nas comunidades indígenas da T.I Taunay Ipegue, a convivência fora da sala de aula me ajudou muito no entendimento da mesma.

Estudar a Língua Terena é despertar o amor pela cultura, pela comunidade á qual pertence. Sim, é importante falar a Língua Terena e gostar da aula, assim como do professor, ajuda bastante no aprendizado. Esse vínculo professor/aluno facilita no exercitar da fala, e, além disso, e ter ciência que isso é para o benefício da nossa comunidade e cultura Terena.

[...] na minha casa somente minha avó fala a Língua Terena. É importante falar a Língua Terena pela valorização da cultura que não pode ser esquecida que tem que se passar de geração em geração. Aprendendo a falar palavras, frases, as cores a língua ajuda quando a gente quer conhecer novas culturas ir pra aldeia e pra pessoas que falam língua terena pra gente poder ter ideia da cultura, já sofri discriminação em algumas escolas que eu ia mudar quando a gente fala que a gente veio de uma escola indígena assim agente sofre discriminação. Pela aula de Língua Terena sim pode contribuir muito, eu uso falar com minha avó porque minha mãe ainda não sabe nem meu pai só a minha avó porque ela só fala em idioma. (Ihikaxovoti¹ 7º Ano).

Muitos encontram dificuldades em pronunciar, escrever, mas um dos fatores do “desuso” seria a falta de dialogo em Terena com suas famílias assim que saíssem da escola e fossem para suas residências. Outro fator seria as brincadeiras verbais na sala de aula e em outras atividades fora dela, intimidam o uso da língua, ficam acanhados e se sentem fora do “grupo” de amigos.

[...] avó e meu pai eles sabem, é os únicos da minha família que sabe falar em Terena. Sim é importante falar em Terena aqui na aldeia é só quem sabem falar mesmo é só os idosos por que tipo eu não entendo, é si sumir essa língua em terena tipo é muito raro você ver os jovens falar língua em Terena e aqui na comunidade só os idosos sabem falar em Terena. Eu gosto muito ele que tá ali para ensinar os jovens falar em Terena, ali eu aprendi já muitas coisas e também eu gosto aula Terena o único problema que eu tenho é falar Língua Terena e também se eu aprendi ali também tipo muita gurizada não leva essa matéria a serio eles leva tudo a brincadeira e tem gente que quer aprender ali e muita gente não quer, e se eu falar o pessoal tira sara dentro da sala de aula ne, e eu quero aprender falar em Língua Terena. Ela ajuda muito, já sofri discriminação tipo muita discriminação muitos falam bugre, bugre é significa relaxado e muitas coisas, principalmente nos jogos na CAMPEAN, nois sofre muito Bulling também, falam: Ala aquele bugre, não sei o que... É essas coisas. (SIC) (Ihikaxovoti² 7º Ano).

É de suma importância quando o aluno tem a sensibilização com nossos mestres tradicionais, e a devida valorização para as aulas que são oferecidas na escola, ao

professor que esta a frente na sala fazendo essa troca de conhecimentos. Pode até ser que a língua Terena seja a língua da “alegria” porque o que tenho observado é que a maioria dos falantes quando em suas rodas de conversas estão sempre rindo e felizes, mas não se dá o direito de “zombar” do colega no momento de aprendizagem principalmente no falar.

Ao falar o Terena vem o “sotaque” a fonética fica diferente da língua o que para muitos purutuye seja motivo de risos. Eu mesmo presenciei vários momentos que no Campeonato Estudantil de Anastácio (CAMPEAN), todos os indígenas em geral participantes desses jogos sofremos BULLYING, chamados de “bugres, chupadores de manga e bocaiuva”, e sons feitos pelas torcidas opostas com a boca, “profissionais” de Educação Física de outras escolas delegações fortíssimas chamando nossos atletas de “marginais”.

Foto 13: Aluno Gean Campos (in memoriam), relatando os preconceitos já sofridos.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

Mesmo os parentes longe de suas comunidades a língua não é esquecida, as raízes indígenas sempre são presentes na vida dos alunos ingressos a distância não diminuem o laço afetivo com a língua, por mais que seus pais não saibam falar. Identifiquei-me muito no dia que dialoguei com esse *Ihikaxovoti* (aluno), senti uma proximidade porque o sentimento dele mesmo estando longe dos familiares ainda existia aquele interesse pela língua. Quando ligo ou visito meu pai biológico é a mesma sensação que ele sente ao ligar para o *ôtu* (vovô) no estado do Paraná.

[...] meus pais eles não falam em Idioma Terena. Porque é importante falar é legal é bonito falar em Terena tem gente que acha que é meio feio, mas é bonito. Eu estou aprendendo os nomes dos animais, aprendendo tipo ele passava um texto em Terena ai depois a gente traduzia para a Portuguesa, ai tem umas histórias em Terena que é muito legal. Tipo meu avô morra lá longe daqui ele liga pra mim e da bom dia em Terena. (Ihîkaxovoti³ 8º Ano).

Ingressos que gostam da aula e consideram o professor como exemplo, e não indígenas que se destacam nas aulas de Terena se sobressaem muito melhor que indígenas na fala e na escrita.

[...] somente minha avó fala a Língua Terena. É importante falar a língua terena porque quando a gente vai pra algum lugar alguém pergunta se a gente sabe falar agente ensina algumas pessoas. Eu gosto da Aula Língua Terena porque ela ensina tem muita gente que não é índio que sabe falar muito melhor que muitos índios. Ele ta passando as cores só as cores agora, ela ajuda em muito tipo assim eu não sei muito de terena, mas eu to aprendendo agora, porque tem muita gente que não é índio e esta aprendendo a língua terena com o auxilio do professor Jessé, professor muito bom um ótimo professor. (Ihîkaxovoti⁴ 7º Ano).

E de uma certa forma quando esse alunos fazem esse “intercambio” nas comunidades indígenas porque a maioria dos moradores tem familiares nas aldeias mais próximas da Aldeinha acontece essa aproximação a mais da língua . É a reação em saber que existem muitos purutuye falantes melhor que o aluno causa a necessidade falar o Terena.

Alguns acham “legal” o componente curricular porque ajuda somente na nota e na questão do “passar de ano”, porque ela retém o aluno no mesmo ano caso ele não atinja a média necessária. Despertar realmente nos alunos o “aprender” a língua a obrigatoriedade de assistir aula e frequentar as aulas de língua Terena tem sido desconstruído na escola da Aldeinha trazer eles para o ambiente escolar e mostrar que é prazeroso o falar e compreender a língua.

[...] meu pai e minha mãe eles não falam em Terena, é bom eu aprender, é importante aprender eu gosto do Terena, ela me ajuda na nota para poder passar de serie, mas eu uso somente na aula o falar terena. (Ihîkaxovoti⁵ 8º Ano).

São muito próximas às opiniões entre os Ingressos e Egressos nas pesquisas de campo, eles sofreram discriminação por ser indígena, de alguma forma e se tem a consciência que a língua Terena ajuda no crescimento dentro da própria comunidade. Onde nas famílias dos Egressos somente os avós são falantes que não passaram esse legado para os filhos e assim sucessivamente. Identifico-me novamente com os Terena egressos, minha avó biológica falante Vitalina Pereira (*in memoriam*), era falante que não gostava que meu pai ficasse próximo das rodas de conversas entre os “mais velhos” tudo o que ele fala hoje aprendeu na comunidade de Cachoerinha Miranda/MS. Já do lado materno a mesma situação meu avô João Batista (*in memoriam*), é Xavante e não pode passar seus conhecimentos da língua materna para minha mãe e meus tios.

[...] sou ex-aluno da escola estadual Guilhermina da Silva é na minha família o único falante, a única falante que existe é minha avó Maria Cecília de Souza ela tem 86 anos. Considero importante pelo fato de nos aprendemos mais se comunicar com os mais idosos. Gostava muito aprender á comunicar com os professores que nos ajudaram a nos comunicar através da língua terena, ajuda mais ainda pra nos aprender mais uma língua além do brasileiro. (Têrenoe¹, 17 anos)

Para eles no tempo em que participavam das aulas de Língua Terena, vários fatores influenciaram nesse aprendizado: a fala, professor e o interesse pelo “novo”, despertar o interesse era fundamental porque eles viam em casa os avós dialogando entre si, isso causava angustia que querer falar como se o Terena tivesse lá no fundo guardado esperando o momento de sair. O interesse pela fala o encanto do saber falar outra língua uma arma para que não entendesse a língua Terena, um falante faz toda a diferença em qual ambiente.

[...] meus pais não falam a língua terena da minha família só a minha avó Inês Laras da Silva tem 62 anos e eu sou ex- aluno da escola estadual Indígena Guilhermina da silva. É importante falar a língua terena da mais comunicação com aqueles que sabem a língua terena. Eu gostava da aula de língua terena e o que mais me chamava à atenção era as falas, é importante para as pessoas novas aprender a língua terena. (Têrenoe², bisneta de Guilhermina da Silva, 15 anos).

Em diálogo com Têrenoe, percebi que existe uma preocupação com o termo “cultura”, pois tanto como Ingressos e Egressos todos são Aldeados, “... Pra mim eu considero porque eu moro na aldeia e tem que cultiva, fala na língua.” É importante sim,

e não atrapalha, mas muitos me questionaram o porquê os avós não ensinaram para seus pais, para que seus pais fossem falantes e eles não sofressem tanto com essa “diferença” entre eles e seus avós, pois os mestres tradicionais são a nossa ligação no passado, eles tem medo de “sumir” a língua.

[...] sou ex-estudante da escola Guilhermina da Silva meus pais não falam terena. É importante estudar a língua terena pra ela não sumir da aldeia. Eu aprendia os animais o professor juntava as palavras em língua terena é legal ela não atrapalha em nada, ate podia assim todo mundo podia falar seria legal, tipo a língua não vai sumir a língua terena não pode sumir. Eu uso falar com meus amigos se ele souber a gente responde em casa algumas vezes com a minha mãe, com meus avos não eles não falam muito, tem vez que eles sabem, mas eles esquecem. Ensinar os outros que quiser aprender a dançar a falar a cultura. (Têneoe³ 15 anos).

Nossa identidade não esta apenas em nossos traços físicos, mas está presente em nossas ações dentro da comunidade. Estar caminhando com esses jovens, incentivando eles a cada dia, não deixando de lado primeiramente a nossa história, a história do Povo Terena, saber as lutas que nossos ancestrais passaram para conseguirmos estar aqui, apesar de todos os obstáculos, ainda caminhamos para “reconquistar” aquilo que nos foi tomado. Professor Reinaldo de História, também se aproxima da realidade de nossos alunos, e da minha também, onde apenas sua avó Felicina da Silva Paulo, 86 anos é falante. Reinaldo também está na luta pela revitalização da língua materna e da valorização da Cultura Terena na Aldeinha.

Para os jovens a gente tem que incentivar um pouco da história do nosso povo é ao longo dos séculos ai silenciado, calado então nada mais justo porque um povo sem sua cultura, sem sua língua não tem uma identidade própria ne, por conta dessa colonização dessa miscigenação, no território brasileiro mas pra nos indígenas nos temos que buscar essas nossas tradições resgatar trazer de volta a principio a língua materna é que nos vai deixar um legado, as vezes somos reconhecidos fisicamente os nossos traços, não vão negar que somos indígenas mas a nossa língua é que não vai deixar, que vai nos dar identidade que vai nos afirmar como povo terena porque os traços indígenas se pegarmos ai somos praticamente iguais, mas no povo terena o que vai nos diferenciar é a língua dos demais.(Professor Reinaldo Rohdt)

Foto 14: Professor Reinaldo, relatando sobre esse processo de Revitalização da Língua Terena na comunidade.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma importância exaltar que a concretização desta pesquisa só foi possível com o apoio do conselho tribal e lideranças, como também das famílias da Aldeia Aldeinha que receberam em suas residências de uma maneira cordial.

O que se notou nos entrevistados foi o jeito Terena de ser, o olhar fixo para um objeto ou paisagem, sem que nada tirasse a concentração deste momento, entrevistas sérias em raros momentos, com o direcionamento do olhar para o (a) entrevistador (a) até o término da entrevista:

Considerando que a pesquisa aponta que com o crescimento desordenado da população Anastaciana ao redor da Aldeinha, e que a população Terena que ai vive, sobreviveu e sobrevive em constante confronto cultural, é preciso evidenciar que são os mestres tradicionais Terena da Aldeinha, os detentores dos conhecimentos tradicionais da etnia Terena, é o alicerce para a manutenção da cultura tradicional Terena, tendo na

escola um lugar onde esses conhecimentos, esses saberes tradicionais podem ser trabalhados como forma de aliar a educação indígena Terena com a educação escolar indígena na construção de dias melhores para o povo Terena da Aldeinha.

Com os jovens foi constatados que muitos não falam a língua Terena devido seus pais não falarem, e muitos já passaram por algum tipo de discriminação da população não indígena com preconceitos por eles usarem a Língua Terena e relatam não serem falantes por muita das vezes a própria família não falar e o que é feito na escola não tem com quem praticar o que lhes é ensinado.

Muitos deles (os meninos) só dançam no dia 19 de Abril, e se dançam fora desse período mediante um “agrado”, diferentemente do grupo de dança das meninas que se apresentam na semana cultural dentro da comunidade e nas demais escolas não indígenas sem problema nenhum.

Em relação à Revitalização da língua Terena seria de uma formação grupos de estudos pós-aula de Língua Materna (como se fosse um reforço na língua) os jovens, crianças, comunidade e/ou pessoas interessadas pudesse participar dessas aulas, criativas usando todo o espaço da Aldeia para uma elaboração de uma cartilha para uso dos alunos da escola e da comunidade. Mas para essa proposta tornar-se realidade teria que ter o apoio total das lideranças e comunidades assim.

Com relação aos “mestres tradicionais” ainda existe muitas barreiras a ser quebrada, a presença deles em todos os espaços da comunidade é essencial. No ambiente escolar a contribuição deles é indispensável, eles nos dão a oportunidade de ter o conhecimento como foi nossa comunidade no passado para uma construção de nosso futuro. Acabar com essa “regra” que a escola é apenas ambiente para os “licenciados” eles são nossos maiores doutores nas tradições indígenas.

Jamais podemos deixar nas mãos de apenas um professor falante e na escola a responsabilidade de “revitalizar” a língua Terena na comunidade da Aldeinha acha que a instituição vai “salvar” a língua. Assim como a responsabilidade é da família educar e a nossa é transmitir e adquirir conhecimento com os alunos. A família tem que assumir a causa juntos conosco, sensibilizar nossos mestres tradicionais estão morrendo e daqui um tempo ficará mais difícil a questão da linguagem na comunidade.

Senti na fala dos egressos e ingressos da escola que apesar do professor ser “amigo” as vezes esse laço dificulta um pouco no ensino aprendizagem do aluno pois

hora serio outra levando na “brincadeira” a falta de “domínio” na sala também atrapalha o andamento da mesma.

Portanto esta pesquisa é uma contribuição para a comunidade da Aldeinha, um esforço em analisar as memórias, território e historias dessa aldeia, para que em um segundo momentos possam ser dinamizadas as demais propostas aqui levantadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Gerson Pinto. O Protagonismo da escola polo Indígena Terena Alexina Rosa Figueredo, da Aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul, no processo de Retomada do Território da terra indígena Buriti. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. 2003. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

BHABHA, Homi, K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

BRAND, Antônio. História Oral: perspectivas, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais. História Unisinos, vol. 4, nº 2, 2000.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Governo Federal. SESAI Secretária Especial da Saúde Indígena.

BRASIL. Parecer/CEB nº 13. Brasília, DF: MEC/CNE, 2012.

CALDERONI, Valéria Aparecida Mendonça de Oliveira. Nas tramas da igualdade e da diferença frente à alteridade dos alunos indígenas. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4.ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.

CRUZ, Simone de Figueiredo. A criança Terena: O diálogo entre a Educação Indígena e a Educação Escolar na Aldeia Buriti. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2009.

ELIAS SOBRINHO, Maria de Lurdes. Alfabetização na Língua Terena: Uma construção de sentido e significado na identidade Terena da Aldeia Terena Cachoeirinha. Miranda, MS. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2010.

FARIAS Edineide Bernado. **A criança indígena Terena da aldeia Buriti, em Mato Grosso do Sul: O primeiro contato escolar.** Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2015.

FIALHO, CELMA FRANCELINO. **O percurso histórico da Língua e Cultura Terena na Aldeia Ypegue/Aquidauana/MS.** Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2010.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**, 1. Ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

LADEIRA, Maria Elisa. **O uso da língua Terena segundo uma análise macro sociolinguística.** Tese de Doutorado, Departamento de Linguística USP,SP, 2000.

LIMA, Eliane Gonçalves de. **A pedagogia Terena e a criança do Pin Nioaque: As relações família, comunidade e escola.** Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2008.

MARIA, E. C. **Entrelaçando conhecimentos e saberes: educação ambiental na Escola Indígena Marcolino Lili – Aquidauana (MS).** Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

MELO Glasdstone Chaves de. **A língua do Brasil..** 4ª Ed. Padrão. Livraria Editora LTDA. Rio de Janeiro, 1981.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. **Uma aldeia terena urbana: Aldeinha.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana MS, 1994.

NASCIMENTO, Adir Casaro. **Escola Indígena. Palco das diferenças.** Coleção teses e Dissertações em Educação. Vol. 2. Editora UCDB, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao Bugre: o processo de assimilação dos Terêna.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976 a.

_____. Os (dez) caminhos da Identidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS). V. 15, nº 42, fev./2000, p.6-21.

SEIZER DA SILVA, Antonio Carlos. **Educação Escolar Indígena na Aldeia Bananal: Prática e Utopia**. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande, MS, 2009.

PEREIRA, Evelin Tatiane da Silva. **Mapeamento do uso da Língua Terena na Aldeia Aldeinha Município de Anastácio-MS**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, MS, 2011.

PEREIRA, Evelin Tatiane da Silva. **Memórias, Histórias da Aldeinha de Anastácio MS**. Artigo de Especialização Cultura e História dos Povos Indígenas. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, MS, 2015.

VILANOVA, Mercedes. **Pensar a subjetividade – estatísticas e fontes orais**. In: **MORAES FERREIRA**, Marieta (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p.46.

ANEXOS

Conselho do Povo Terena
Terra Indígena Aldeinha
Município de Anastácio
Mato Grosso do Sul

Ilmo. Senhor
Dr. Emerson Kalif Siqueira
Procurador da República
Ministério Público Federal – MPF

MINISTERIO PUBLICO FEDERAL
01/12/2016 - 17:54:09
Horario de Brasilia
PROTOCOLO:
PR-MS-00027323/2016

Ref.: Pedido de Providência

COMUNIDADE INDÍGENA ALDEINHA, pertencente ao Povo Terena, localizada no Município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, vem, respeitosamente perante Vossa Excelência, por intermédio de suas lideranças, com fundamento no artigo 231 e 232 da Constituição Federal, apresentar **PEDIDO DE PROVIDÊNCIA** pelos motivos de fato e de direito a seguir expostos:

I. A comunidade indígena **reivindica o reconhecimento definitivo do território que tradicionalmente ocupamos, pois neste momento dispomos de apenas uma única área destinada ao lazer e às atividades comunitárias. Esta área se encontra em situação de litígio**, uma vez que tem como partes interessadas a Prefeitura do referido município, que possui uma edificação no local, e os não indígenas que detêm títulos de propriedade de lotes que vem sendo comercializados, a despeito de nossa presença e de nossos direitos constitucionais, garantidos pela Constituição Federal de 1988 e por tratados e convenções internacionais, como a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho.

II. O processo de formação da Aldeinha se encontra descrito em diversas fontes e trabalhos acadêmicos, com o devido embasamento histórico e antropológico, e que comprovam a presença do povo Terena neste local. A partir de 1910, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) deu início à constituição de reservas indígenas e orientou a comunidade Terena que trabalhava na Fazenda Conceição, na região de Nioaque, a retornar para as áreas que hoje correspondem às Terras Indígenas de Buriti, Cachoeirinha e Limão Verde. Em virtude da diversidade cultural e religiosa que caracterizava a comunidade Terena, resultante inclusive da ação evangelizadora de missionários protestantes e católicos, somada aos abusos e perseguições promovidos pelos funcionários e chefes de posto do SPI no interior dessas comunidades, cerca de 200 indígenas



1

ocuparam um território situado à margem esquerda do Rio Aquidauana, sendo posteriormente identificados como “gente da Aldeinha”.

III. À época, a comunidade fez uso de recursos próprios, como vacas e cavalos, a fim de adquirir uma área de aproximadamente 32 hectares, dos quais restaram apenas 4 hectares correspondentes à área total da aldeia denominada Aldeinha. Os fundadores da comunidade testemunharam em diversas oportunidades, registradas por historiadores e antropólogos, que a área que se encontra atualmente em situação de litígio serviu de fonte de água para abastecimento da aldeia e, mais tarde, como local de sepultamento de indígenas. A progressiva redução da área ocorreu por conta do processo de urbanização da cidade de Anastácio, que se emancipou de Aquidauana no ano de 1965, e se expandiu de modo a trazer para o entorno da Aldeinha a população não indígena, transformando-a definitivamente em uma “aldeia urbana”.

IV. O principal motivo da situação de litígio que hoje enfrentamos é a extrema morosidade do processo de identificação do território tradicionalmente ocupado, de responsabilidade da União e de suas instituições competentes, iniciado há 32 anos. Foram publicados dois atos normativos incidentes na TI Aldeinha: as portarias de número 1.688/E de 17/08/1984 e 1.464 de 04/12/2006, as quais previam a realização de pesquisa documental na terra indígena e na Coordenadoria Regional de Campo Grande, mas ambas não resultaram na abertura do processo identificação e homologação. No âmbito municipal, a Prefeitura tomou a iniciativa de apresentar aos proprietários dos lotes a possibilidade de permuta por outros terrenos, de valor e extensão similares, mas os mesmos não demonstraram interesse em chegar a um termo comum e tampouco em dialogar com a comunidade indígena.

V. Diante disso, nós decidimos ocupar e retomar a área em litígio, mediante a construção de um barracão comunitário e da realização de atividades esportivas e culturais. Não abriremos mão de nosso território tradicional e não sairemos até que as partes interessadas se pronunciem. Por essa razão, apresentamos este requerimento ao Ilmo. Sr. Dr. Procurador da República, certos de contar com a vossa compreensão e apoio, no sentido de intermediar o diálogo entre todos os envolvidos e de solicitar diligências aos órgãos competentes.

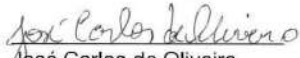
VI. Isto posto, requeremos à Vossa Excelência que se digne a adotar todas as providências legais cabíveis no sentido de garantir a demarcação de nosso território, bem como garantir nossa permanência na área em litígio.

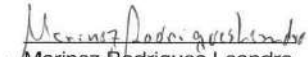


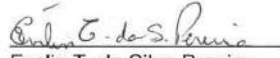
Anastácio, 15 de novembro de 2016.


Pede Deferimento.

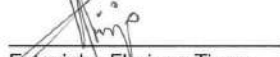

Maira Regina Rodrigues Campos
Conselho do Povo Terena

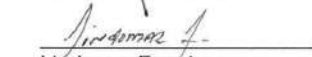

José Carlos de Oliveira
Vice-Cacique da Aldeinha
Conselho do Povo Terena

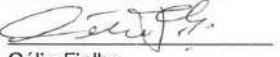

Marinez Rodrigues Leandro
Conselho do Povo Terena

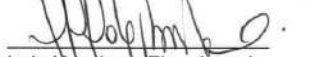

Evelin T. da Silva Pereira
Conselho do Povo Terena

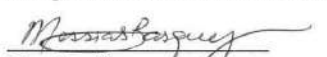

Zuleica da Silva Tiago
Conselho do Povo Terena


Estevinho Floriano Tiago
Conselho do Povo Terena


Lindomar Ferreira
Conselho do Povo Terena


Célio Fialho
Cacique da Aldeia Bananal
TI Taunay-Ipegue
Conselho do Povo Terena
Membro do Conselho Nacional de Política Indigenista, CNPI


Luiz Henrique Eloy Amado
Advogado, Conselho do Povo Terena


Messias Basques
Antropólogo, Museu Nacional - UFRJ

Jussara - Coordenadora Pedagógica G.D.S

Lei de Importação de Língua

Terina na E. Estadual

Idade: 38 anos. Pedagogia (UFMS) UFFI (UFMS)

e Contrapelo e Prática dos Boas Práticas (UFMS)

2009: Matriz Curricular já tinha

- ? : 1º vez uma nova matriz exigia devolução da aula, no qual estava inserida a Língua Terina (de outra disciplina), e que não se admitiu que fosse Terina de Português ou Matemática!
- a. Reunião feita com todos docentes da época, e foi sugerido pelo prof.ª Sedação, e aceita por todos, faltar 10 minutos de cada

2012: Veio problema que tínhamos

por causa do 6º tempo, que era destinado a Língua Terina, e veio orientação para arrumar a matriz curricular, ^{essa orientação} ~~veio~~ em novembro porque ^{o tempo para inserir na língua terina} caiu a aula de inglês

- Nesta reunião foi feita com Benizeth (supervisor)
- Carique Eneias; Reinaldo, Eduardo, Jussara, Jesse,
- Resoluções nº 03 ^{de 2002} que "substituída" pela nº 05 de 2012
- 2013 -> deu "Resolução" ou ~~to~~ que compara a língua

→ 2013 → a matriz já estava com 1h/aula de Língua Terena em todas as séries 1º ao 9º ano

→ ? → Profª Lloris

- houve 2 h/aula nas séries iniciais e
- 1 h/aula nas séries finais → por que dependia de tirar aula de outras disciplinas;

* cont. do período de 2012

Antes da reunião de 2012, foi ~~questionado~~ ^{dialogado} via telefone pela ~~supervisora~~ Supervisora de educação de Anastácio da rede estadual, sobre como ocorreu a aula de Língua Terena, quando num momento a mesma disse que poderia sofrer processo por isso, quando a mesma foi dito que sofreria processo pelos dois lados um por tirar e outro por colocar a língua terena, pois a lei de nº 03 de 2002 era "mais ~~da~~ velha" que a escola que era de 2005;